Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação

Revista Diálogo Brasil-Alemanha • 2020 • Nº 8

Uma publicação do Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo (DWIH São Paulo)

Radicalização e violência

Causas, rotas, alvos e soluções

Análises e propostas de estudiosos da Alemanha e do Brasil para um problema que atinge globalmente os indivíduos, a sociedade, os países e até a democracia.

Radicalization and violence

Causes, routes, targets and solutions

Analysis and proposals by scholars from Germany and Brazil for a problem that affects individuals, society, countries and even democracy globally.

Entrevista / *Interview*

Carlos Américo Pacheco, presidente do Conselho Técnico-Administrativo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Carlos Américo Pacheco,Chairman of the Technical-Administrative Board of the São Paulo Research Foundation (Fapesp)

Ensaio / *Essay*

Stefan Kroll, Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF)

Conversas sobre o extremismo e a violência: os limites da repressão e a necessidade da prevenção direcionada.

Conversations on extremism and violence: the limits of repression and the need for targeted prevention.

Save the date
19th and 20th May 2021

9th
German-Brazilian Dialogue on Science, Research and Innovation

Fapesp, rua Pio XI nº 1500 – Alto da Lapa – São Paulo, SP
WWW.DWIH-SAOPAULO.ORG

Organizers

Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo
País de Ideias

FAPESP

SUBJECT

Cities & Climate

REVISTA DIÁLOGO BRASIL-ALEMANHA - 2020 - Nº 8

Expediente

Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo (DWIH São Paulo)
Rua Verbo Divino, 1488 - Térreo
04719-904 São Paulo SP BRASIL
Tel. +55 11 5189-8300
www.dwih-saopaulo.org
info@dwih-saopaulo.org

Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo
País de Ideias

DWIH São Paulo
Land der Ideen

Federal Foreign Office

DAAD Deutscher Akademischer Austauschdienst
Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico

DIRETOR *DIRECTOR*
Dr. Jochen Hellmann

COORDENADOR *PROGRAMME MANAGER*
Marcio Weichert

EQUIPE DWIH SÃO PAULO (evento e revista)
DWIH SÃO PAULO STAFF (event and magazine)
Cara Hillenbrand, Christian Lazar, Dora Rosete, João Malafaia, Minette Potger, Pâmela de Oliveira, Thiago Tártaro, Victor Moraes de Oliveira e Yrani Albisser

COLABORAÇÃO
MITWIRKUNG
Katz Agência de Comunicação e Renata Garcia Almeida Ferreira

REDAÇÃO E EDIÇÃO
CONTENT CREATION AND EDITING
Acadêmica Agência de Comunicação

TRADUÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRANSLATION ENGLISH
Douglas Smith

REVISÃO INGLÊS
REVIEW ENGLISH
Kirsten Loree

Caras leitoras, caros leitores,

Já começava a redigir este texto quando fui atingido pela notícia do falecimento da professora Alba Zaluar, que abrilhantou o início de nosso 8o Diálogo como keynote speaker. Sua excelente palestra, fruto de muitos anos de pesquisa, observação e debate sobre segurança pública e crime no Brasil, suas palavras e interpretações da realidade ficam eternizadas nesta revista.

Este 8o Diálogo entra para nossa história por muitos aspectos. Contamos com um comitê científico extremamente competente. Abordamos numerosos e variados aspectos sobre o tema. Tivemos quatro keynote speakers. Conquistamos palestrantes que, embora pesquisadores, atuam fora da academia, em instituições que praticam, no governo e na sociedade, a investigação e a prevenção da radicalização e da violência. Apresentamos programas de fomento à cooperação científica e de bolsas para estimular os pesquisadores presentes – jovens e seniores – a dar passos concretos no intercâmbio Brasil-Alemanha.

Inúmeros exemplos citados evidenciaram a incontestável atualidade da temática da radicalização e da violência. Como responsável pela publicação, revisei todos os textos da revista e, a cada texto que lia, me dava conta da magnitude e importância deste Diálogo. Foram informações, estatísticas, abordagens, interpretações, conclusões, exemplos, recomendações preciosas, resultantes do trabalho incansável de muitos pesquisadores, que comprovam o valor das ciências sociais, as quais merecem maior respeito em nossa sociedade.

O pesquisador Stefan Kroll assina o ensaio desta edição. Como integrante do comitê científico, Kroll mostrou dominar a amplitude do tema. Para a entrevista, convidamos o professor Carlos Américo Pacheco, CEO da Fapesp, nossa parceira há cinco anos na organização do Diálogo. Difícil foi fazer a ampla pauta de assuntos caber nas páginas desta revista.

E, como sempre, finalizamos a edição com uma retrospectiva fotográfica de 2019, ano em que o DWIH São Paulo atingiu a marca recorde de 25 projetos financiados e três apoiados, além de um incremento em outras demandas.

Boa leitura!

Marcio Weichert
Coordenador do Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo
(DWIH São Paulo)

Dear readers,

I had already begun to write this article when I was struck by the news of the passing of Professor Alba Zaluar, who honored the opening of our 8th Dialogue as a keynote speaker. Her excellent presentation – the fruit of many years of research, observation, and discussion regarding public safety and crime in Brazil – her words and interpretations of reality are immortalized in this magazine.

This 8th Dialogue was historic for us in many aspects. Our scientific committee was extremely competent. We deal with numerous and varied aspects of the subject. There were four keynote speakers. We were fortunate to gain speakers who, although researchers, are involved outside the academic sphere in institutions that practice – in government and in society – the investigation and prevention of radicalization and violence. We presented programs for fomenting scientific cooperation and scholarships for stimulating the researchers in attendance – whether younger or older – to take solid steps in the Brazil-Germany exchange.

Numerous examples cited demonstrated the undeniable present reality of the subject of radicalization and violence. As the one responsible for this publication, I reviewed and revised all texts of the magazine and, with every article that I read, I was made aware of the magnitude and importance of this Dialogue. Information, statistics, approaches, interpretations, conclusions, examples, priceless recommendations, all resulting from the untiring work of many researchers who prove the value of the social sciences, which deserve greater respect by our society.

Researcher Stefan Kroll authored the essay of this issue. As a member of the scientific committee, Kroll showed that he is well able to handle the broad scope of the subject. For the interview, we invited Professor Carlos Américo Pacheco, CEO of Fapesp, which has been our partner over the past five years, in organizing the Dialogue. It was difficult to make the wide range of subjects fit within the pages of this magazine.

And, as always, we close this issue with a photographic retrospective of 2019, the year when the DWIH São Paulo funded a record 25 projects and backed three others, besides boosting other demands.

Enjoy your reading!

Marcio Weichert
Programme Manager of the German Centre for Research and Innovation
(DWIH São Paulo)

Mundo atual coloca **novos desafios** para a cooperação

Brasil e Alemanha têm uma trajetória longa e de confiança recíproca na cooperação científica e tecnológica, o que proporciona segurança para as instituições e contribui para a boa qualidade dos trabalhos realizados em conjunto por seus pesquisadores. Contudo, a configuração atual do mundo em termos econômicos e tecnológicos implica novos desafios para a cooperação internacional.

A equação é apresentada pelo engenheiro e economista Carlos Américo Pacheco, em entrevista exclusiva para esta publicação. "Vivemos um momento de extraordinária ruptura", sintetiza.

Como presidente do Conselho Técnico-Administrativo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Pacheco acompanhou de perto a realização do 8º Diálogo. Em sua avaliação, o tema do encontro foi oportuno "não só pela sua importância para as ciências humanas, os governos e a sociedade, mas também pela sua realização no mesmo momento em ocorriam movimentos caracterizados pela radicalização política e pela violência nas ruas em dois países próximos ao Brasil: Chile e Bolívia".

JOSÉ ROBERTO FERREIRA

Carlos Pacheco: A cooperação Brasil-Alemanha resulta em ciência de muita qualidade.

Em uma observação geral da cooperação científica entre o Brasil e outros países, como o senhor vê a cooperação com a Alemanha?

Carlos Américo Pacheco – É uma cooperação extraordinariamente importante para o Brasil. Como ocorre com todos os países, sem exceção, nossa principal colaboração é com os Estados Unidos, em função do tamanho do sistema de ciência, tecnologia e inovação americano. A Alemanha vem em segundo lugar, dependendo do ano e da região. No caso da Fapesp, hoje, se medirmos por artigos publicados em coautoria, o segundo lugar é do Reino Unido, mas durante muitos anos foi da Alemanha, que com certeza deverá retomar essa posição. A cooperação com a Alemanha é vital para o Brasil. E ela se dá por meio de uma relação muito amigável e de confiança mútua entre as agências de fomento dos dois países, que fazem boas chamadas, selecionam boas propostas, envolvem bons pesquisadores de ambos os lados e obtêm bons resultados dos projetos financiados. A cooperação Brasil-Alemanha resulta em ciência de muita qualidade.

No campo da inovação, a cooperação com empresas também tem gerado bons resultados?

A cooperação para inovação tem

uma dinâmica diferente. Ela está muito calcada na forte presença das empresas alemãs em vários setores importantes da economia brasileira. Contudo, nos anos mais recentes houve uma redução da densidade da atividade de engenharia e pesquisa dessas empresas no Brasil. Não por culpa delas, e sim pelo desempenho da economia brasileira, o que torna essa agenda um pouco mais trabalhosa. As empresas alemãs podem desempenhar um papel muito importante em temas como manufatura avançada, manufatura aditiva, inteligência artificial, automação etc., mas há um terreno mais difícil, mais trabalhoso e mais desafiador para as agências alemãs e brasileiras.

O Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação, que em 2019 chegou à sua oitava edição, a quinta em parceria com a Fapesp, pode ajudar nesse desafio?

Certamente. A realização contínua do Diálogo por tantos anos é exemplar da estrutura permanente e dinâmica da cooperação entre Brasil e Alemanha; não se trata de um instrumento pontual, mas sim perene da nossa parceria. O Diálogo demonstra a facilidade de relacionamento entre os dois países, e isso é muito importante para fazer avançar e aperfeiçoar nossos mecanismos de cooperação, tanto no campo da ciência como no da inovação. Para a Fapesp, a parceria com o DWIH São Paulo na realização do Diálogo é importante pelo evento em si, pelas contribuições que oferece a pesquisadores dos dois países e por reforçar o papel da Fapesp no contexto da cooperação científica Brasil-Alemanha.

A oitava edição do Diálogo tratou de "Radicalização e violência: perspectivas e abordagens preventivas", um tema relacionado às ciências humanas...

A Fapesp financia pesquisas em todas as áreas do conhecimento, o que não ocorre com todas as agências dos demais países. Assim, consideramos oportuno que o Diálogo tenha sido sobre esse assunto, não só por sua importância para as ciências humanas, os governos e a sociedade, mas também pela sua realização no mesmo momento em que ocorriam movimentos caracterizados pela radicalização política e pela violência nas ruas em dois países próximos ao Brasil: Chile [protestos contra as políticas econômica e social do governo federal] e Bolívia [manifestações favoráveis e contrárias ao então presidente Evo Morales, que acabou renunciando ao cargo]. Há uma visível sensação de desconforto na sociedade contemporânea com os resultados da globalização, com o recente acirramento das guerras comerciais, com o aumento da desigualdade no mundo inteiro em função de alguns efeitos complexos da nova economia digital, com a tensão social crescente em vários países por causa do aumento da migração etc. Merecem parabéns os organizadores do 8º Diálogo, pela atualidade e importância do tema e pela contribuição para o debate.

O senhor entende que temas relacionados a questões sociais estão se tornando mais importantes para a pesquisa?

Não há dúvida. Por exemplo, a desigualdade é um tema dos mais relevantes para a sociedade brasileira hoje. Ele é extraordinariamente complexo; há determinantes que têm a ver com a performance econômica, com o perfil da estrutura do emprego, com as alterações recentes no emprego formal, com o aumento da informalidade e de outras formas de relação de trabalho, que não são o emprego tradicional, sindicalizado, com carteira assinada etc., que davam um perfil de sociedade diferente daquela em a gente vive hoje. Há também um conjunto de outros fatores, como os ligados à mobilidade social, à estrutura educacional e aos serviços públicos, que reforçam a sensação de aumento da desigualdade. Desigualdade é um problema grave, e não implica somente questões de justiça social. Vários economistas têm salientado que a redução da desigualdade terá um papel importante no próprio crescimento econômico do Brasil. Para nós, esse tema é extremamente importante e estará na agenda dos próximos anos com muita força, pois não se trata de um fenômeno conjuntural.

Certamente, tanto a redução da desigualdade como o avanço científico de um país têm a ver com a oferta de ensino universal e de qualidade. Como o senhor vê a questão da educação no Brasil?

Nos últimos vinte anos conseguimos a universalização do ensino fundamental. Temos ainda que universalizar o ensino médio, que é um problema não só de oferta de boa estrutura escolar e pedagógica, mas também das rupturas que se abrem nos adolescentes. Muitos têm que trabalhar, em função até de necessidade financeira das famílias. Além desses jovens que não frequentam o ensino médio e tampouco estão no mercado de trabalho. É a geração que as pessoas chamam de nem-nem. Contudo, o maior problema educacional brasileiro hoje é a qualidade do ensino. A educação ruim no ensino fundamental trava o acesso ao ensino médio, que também é de baixa qualidade e, que, portanto, trava o acesso à universidade e dificulta a escolarização superior em função da base frágil de formação do ensino médio. O que há de positivo é que muitas iniciativas relevantes e sérias estão sendo feitas, sobretudo em alguns estados. Há também iniciativas importantes que estimulam os jovens a

gostar de ciências, como as olimpíadas de matemática, física, biologia e outras. Mas há um longuíssimo caminho a ser percorrido; mais do que tudo, é preciso uma enorme persistência para melhorar o panorama educacional no Brasil.

E o panorama atual da ciência no Brasil? Qual é a avaliação do senhor?

O panorama de ciência, de alguma maneira, reflete o do ensino. O baixo percentual de jovens na idade de frequentar o ensino superior que estão na universidade resulta da situação no ensino básico e se reflete no desenvolvimento científico. Construímos uma trajetória de relativo sucesso na produção do conhecimento. Um bom marcador desse êxito está no fato de o Brasil ocupar a 13ª posição no ranking mundial de publicação de artigos científicos em periódicos internacionais. Nos últimos trinta anos, nossa média de crescimento no número de artigos científicos publicados foi bem superior à média global. É um resultado expressivo, mas ele tem, vamos dizer, pés de barro porque foi construído sobre um sistema universitário que é pouco inclusivo e com uma pequena base de acesso ao ensino superior. Isso faz com que o recrutamento de jovens talentosos para produzir ciência se dê em um universo reduzido de pessoas. Apesar disso, a ciência brasileira tem crescido e evoluído muito nas últimas décadas. Mesmo com a crise fiscal da União, que já se estende por alguns anos e complica enormemente o financiamento das agências federais, do ponto de vista estrutural, o sistema caminha bem no que se refere à produção científica.

> *"A realização contínua do Diálogo por tantos anos é exemplar da estrutura permanente e dinâmica da cooperação entre Brasil e Alemanha.*

Em termos qualitativos, a produção científica brasileira já está em um bom patamar?

Nossa participação em todos os rankings internacionais que computam os artigos publicados é relativamente boa em termos quantitativos. Já a qualidade da nossa produção científica, medida pelos índices de impacto, ainda está aquém de nossa participação quantitativa, mas tem melhorado nos últimos anos. O nosso dilema é o mesmo de muitos países no mundo inteiro: como aumentar o impacto da ciência que produz. Impacto em "n" dimensões, não apenas social e econômica, mas também na própria geração de novo conhecimento. Temos no Brasil um sistema de inovação assimétrico, em que a performance do sistema acadêmico de produção de ciência é melhor do que a performance da inovação e da pesquisa tecnológica no âmbito das empresas. Há aqui uma agenda que todos reconhecem ser importante para o Brasil: uma política nacional de inovação que consiga conectar melhor nossas competências científicas com trajetórias mais sustentadas de inovação. Várias iniciativas têm sido feitas, talvez a mais interessante dos últimos cinco, seis anos, seja a criação de startups e pequenas empresas inovativas. Isso é surpreendente, porque a trajetória econômica do Brasil nos últimos anos é muito ruim, mas, apesar disso, assistimos a uma explosão no número de startups, de aceleradoras, incubadoras, de *coworking*, de *venture capital*, de *corporate venture* etc. Há uma profusão de atores, desde grandes empresas interessadas em acompanhar o que acontece com startups e investir nelas, até ambientes de inovação dos mais diferentes tipos e programas governamentais. O Brasil tem ainda muito o que fazer, mas, sem dúvida nenhuma, transladar a ciência para empresas inovativas pode ser uma alternativa interessante de como tirar proveito da capacidade científica que criamos nesses últimos anos.

A internacionalização das universidades e demais instituições de pesquisa é reconhecida como medida eficaz para melhorar a qualidade de sua produção de conhecimento. Qual é a atenção da Fapesp para esse assunto?

Na Fapesp, a ideia de que a internacionalização é uma ferramenta importante para a melhoria da qualidade da ciência data de 2005, 2006, quando criamos um conjunto de iniciativas para incentivar a cooperação internacional. Hoje temos mais de 100 acordos com universidades e com as principais agências de fomento à pesquisa no mundo inteiro. Esse esforço gerou excelentes resultados; uma parte da melhoria na qualidade da produção científica feita em São Paulo se deve a essa cooperação. Em 2006, 25% dos artigos de pesquisadores paulistas foram feitos em parceria com colegas de outros países; em 2016, esse índice subiu para 40%. Os artigos escritos em conjunto por autores de São Paulo e de outro país têm índices de impacto sempre maiores do que aqueles artigos escritos por autores de um mesmo país.

A Fapesp tem ligação com o Programa Institucional de Internacionalização, Print, da Coordenação de Aperfeiçoa-

mento de Pessoal de Nível Superior – Capes?

A Fapesp colaborou com a Capes na elaboração do Print, uma iniciativa inspirada no programa de internacionalização das universidades alemãs. O programa alemão foi pioneiro e serviu de base para inúmeros países, como Brasil e França, criar programas que melhorassem a qualificação de suas universidades no plano internacional. A Fapesp, dada sua natureza, estimula diretamente o pesquisador a estabelecer conexões com outros grupos de pesquisa mundo afora. Já o Print deu um passo além ao adicionar o componente institucional. Ele estimula as principais universidades de pesquisa brasileiras a criar uma estratégia de internacionalização de suas atividades e, portanto, de exposição ao mundo e à cooperação.

Há pouco mais de vinte anos, a Fapesp passou a financiar pesquisas de interesse de empresas. Há evoluções recentes nessa área de fomento?

Sim. O Programa de Apoio à Pesquisa em Parceria para Inovação Tecnológica, Pite, foi criado em 1995 e é voltado para empresas de grande porte. Já o Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas, Pipe, é de 1997. Em anos mais recentes, inovamos com a criação de centros de pesquisa em engenharia, que também contemplam projetos com empresas, mas por períodos maiores, de até dez anos. Antes disso, somente os Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão, Cepids, que são de perfil acadêmico, recebiam financiamento de longa duração, onze anos. Com prazos maiores de financiamento buscamos estimular as empresas a fazer pesquisas mais ousadas. Essa é uma estratégia que aplicamos para a pesquisa acadêmica, que queremos que esteja próxima da fronteira, que possa gerar conhecimento novo. E a Fapesp quer que isso prevaleça também com as empresas do Pite e dos centros de pesquisa em engenharia. Já no Pipe, financiamos projetos de até dois anos. É o único programa da Fapesp em que não há exigência de titulação acadêmica do pesquisador. A exigência é que ele prove ser capaz de resolver o problema a que se propôs. É também o único programa em que a Fapesp aporta recursos diretamente na empresa; são 250 projetos novos por ano. Empresas financiadas pelo Pipe têm sido objeto de interesse extraordinário de todos os tipos de investidores de risco. Antes mesmo dessa onda de sucesso e explosão das startups no Brasil, o Pipe já era um programa bastante exitoso e se tornou ainda mais nesse ambiente que estimulou o surgimento de novas pequenas empresas inovativas.

> *Há uma sensação de desconforto com os resultados da globalização, do acirramento das guerras comerciais e do aumento da desigualdade.*

O que o senhor considera importante para incrementar a cooperação Brasil-Alemanha em ciência, tecnologia e inovação?

Temos uma trajetória de relacionamento de longo prazo e de confiança mútua entre as agências de fomento do Brasil e da Alemanha que acredito ser a base para qualquer empreendimento futuro entre os dois países. Sou bastante otimista quanto a isso. Evidentemente, acho que há desafios nessa cooperação futura, ligados a um novo contexto mundial, tanto do ponto de vista econômico, com o recrudescimento da rivalidade que está ocorrendo entre países, como do ponto de vista tecnológico, com uma convergência de novas tecnologias ditas exponenciais, tais como, inteligência artificial, IoT, big data, passando por aprendizado de máquinas, um conjunto de novas tecnologias que muitas vezes operam combinadas entre si. Isso cria o panorama de uma extraordinária revolução da base técnica da economia mundial que vai ter enorme impacto em tudo: na sociedade, no emprego, na competitividade internacional etc. Há muito que pode ser feito entre os dois países, como a retomada de atividades de pesquisa e engenharia de empresas alemãs no Brasil e a participação delas nas demandas tecnológicas de setores importantes da economia brasileira. Enfim, eu diria o seguinte: temos uma base de confiança institucional, de conhecimento mútuo, extremamente respeitada e amigável com as instituições alemãs. Mas vivemos um momento de extraordinária ruptura. Não sei se temos pensado corretamente o que essas coisas novas trazem de desafios e o que deveríamos repensar na cooperação. E talvez o desafio maior seja olhar o contexto em que vivemos e pensar no que fazer de novidade. ■

Today's world presents ***new challenges*** *for cooperation*

Brazil and Germany have a long history of reciprocal trust in scientific and technological cooperation, which provides security to institutions and contributes to the good quality of work performed jointly by their respective researchers. However, the current configuration of the world, in economic and technological terms, implies new challenges for international cooperation.

The equation is presented by engineer and economist Carlos Américo Pacheco, in an exclusive interview given to this publication. "We are living at a time of extraordinary disruption," he summarizes.

As Chairman of the Technical-Administrative Board of the São Paulo Research Foundation (Fapesp), Pacheco closely followed the program of the 8th Dialogue. In his opinion, the subject of the encounter was opportune, "not only because of its importance to the human sciences, governments, and society, but also for being held at the same time as movements characterized by political radicalization and violence, which have taken to the streets in two countries close to Brazil: Chile and Bolivia."

JOSÉ ROBERTO FERREIRA

Carlos Pacheco: *Brazil-Germany cooperation results in top-quality science.*

From an overall observation of the scientific cooperation between Brazil and other countries, how do you rate the cooperation with Germany?

Carlos Américo Pacheco – *It is an extraordinarily important cooperation for Brazil. As with what happens in all countries, without exception, our main collaboration is with the United States, given the size of the American science, technology, and innovation system. Germany comes in second place, depending on the year and the region. Today, in the case of Fapesp, if we measure the number of coauthored publications, second place goes to the United Kingdom, but for many years it was Germany, which will most certainly regain that position. Cooperation with Germany is vital to Brazil. And it arises through a very friendly relationship of mutual trust between the fomenting agencies of both countries, which are able to make good calls, select good proposals, involve good researchers from both sides, and obtain good results from the funded projects. Brazil-Germany cooperation results in top-quality science.*

In the field of innovation, has cooperation between companies also brought good results?

Cooperation for innovation has a different dynamic. It is heavily based on the strong presence of German companies in various sectors that are important to the Brazilian economy. However, recent years have seen a reduction of the density of engineering and research activity of those companies in Brazil. They are not to blame for that, but rather, the performance of the Brazilian economy, which makes this agenda a bit more difficult. The German companies can play a very important role in such areas as advanced manufacturing, additive manufacturing, artificial intelligence, automation, etc., but the terrain is more difficult, harder to work, and more challenging for German and Brazilian agencies.

Could the Brazil-Germany Dialogue on Science, Research, and Innovation, which in 2019 held its eighth edition, that is, the fifth in partnership with Fapesp, help with this challenge?

Certainly. The continuous holding of the Dialogue event over so many years embodies the ongoing structure and dynamics of cooperation between Brazil and Germany; this is not merely an occasional instrument but, rather, a perennial partnership. The Dialogue demonstrates the easy relationship between the two countries, and this is very important for the advancement and perfection of our cooperation mechanisms, in the fields of both science and innovation. For Fapesp, the partnership with DWIH São Paulo in holding the Dialogue is important because of the event itself, the contributions it provides to researchers from both countries, and for reinforcing the role of Fapesp in the context of Brazil-Germany scientific cooperation.

The eighth edition of the Dialogue dealt with "Radicalization and violence: perspectives and preventive approaches", which is a subject related to the human sciences....

Fapesp funds research in all areas of knowledge, which does not happen with all of the agencies of other countries. Therefore, we feel it is opportune that the Dialogue has been organized around this subject, not only for its importance to the human sciences, to governments, and to society, but also for the fact that it is being held at the same time in which movements characterized by political radicalization and violence in the streets are being experienced by two countries close to Brazil: Chile [protests against the economic and social policies of the Federal government] and Bolivia [favorable and unfavorable manifestations to then-President Evo Morales, who ended up resigning]. There's a visible sense of discomfort in contemporary society regarding the results of globalization, the recent intensification of trade wars, and the increase of inequality, worldwide, due to some complex effects of the new digital economy, with the growing social tension in several countries, because of increased immigration, etc. The organizers of the 8th Dialogue deserve kudos for the contemporary relevance and importance of the subject and for its contribution to ongoing discussions.

> ***"The continuous holding of the Dialogue event over so many years embodies the ongoing structure and dynamics of cooperation between Brazil and Germany.***

Do you feel that subjects related to social issues are becoming more important as research items?

No doubt about it. For example, inequality is one of today's most relevant subjects for Brazilian society. It is exceedingly complex; there are determinants that have to do with economic performance, with the profile of employment structures, with recent changes in formal employment, with the increase in the informal economy, and with other forms of labor relations, which are not traditional unionized jobs with signed work contracts, etc., which presented a societal profile different from the one we have today. There is also a group of other factors, like those connected with social mobility and public services, which strengthen the feeling of increased inequality. Inequality is a serious problem, and it does not only imply issues of social justice. Various economists have pointed out that the reduction of inequality will play an important role in Brazil's own economic growth. For us, this subject is extremely important and will have a strong input to the agenda of the coming years, because it is not a conjunctural phenomenon.

Obviously, both the reduction of inequality and the advance of science in a country have much to do with the provision of universal and quality education. How do you assess the issue of education in Brazil?

Over the past twenty years, we have been able to universalize primary and middle school instruction. We still have to universalize high school education, which is a problem not only of offering a good school and pedagogical structure, but also of the disruptions that affect adolescents. Many have to work, due to the financial needs of their families. Besides these

young people, who do not go to high school, there are those who are not even in the job market. They belong to what is called the "neither-nor" generation. However, the major educational problem faced by Brazilians is the quality of its instruction. A poor education at the elementary and middle school level blocks access to a high school education, which is also low in quality, thus making higher education even more difficult, because of the fragile basis gained in high school. The positive side is that many relevant and serious initiatives are underway, especially in some of the states. There are also important initiatives that stimulate young people to like the sciences, such as math, physics, biology, and other "Olympic" competitions. But an extremely long road lies ahead; more than anything else, this requires enormous persistence, in order to improve the educational landscape in Brazil.

> *There's a certain sense of discomfort regarding the results of globalization, the intensification of trade wars, and the increase of inequality.*

And the current science landscape in Brazil? How do you evaluate it?

The science landscape, in some ways, reflects that of education. The low percentage of young people old enough to be in university, and are studying there, results from the educational situation and is reflected in scientific development. We have built a history of relative success in the production of knowledge. A good marker of that success is found in the fact that Brazil ranks 13th in the world in the publication of scientific articles in international periodicals. Over the past thirty years, the average growth in number of Brazilian published scientific articles has outstripped the global average. This is a significant result, but we could say that it has feet of clay, because it was built on a university system that is not very inclusive and comes out of a small base having access to higher education. This means that talented young people recruited for science are quite few in number. Despite that, Brazilian science has grown and evolved immensely over the past several decades. Even with the fiscal crisis of the Federal government, which has extended over a number of years, and hugely complicates the funding of Federal agencies, from a structural standpoint, the system is doing well, in terms of scientific production.

In qualitative terms, is Brazilian scientific production at a good level?

Our participation in all of the international rankings that count published articles is relatively good, in quantitative terms. However, the quality of our scientific production, measured by impact indices, still falls short of our quantitative participation, but it has improved in recent years. Our dilemma is the same as is felt by many countries around the world: how to increase the impact of the science that it produces – impact in any number of dimensions, not only socially and economically, but also in the generation of new knowledge. In Brazil, we have an asymmetric innovation system, where the performance of academic involvement in producing science is better than the performance of innovation and of technological research within the scope of the companies. We have an agenda that everyone recognizes as being important for Brazil: a national innovation policy that is better able to connect our scientific competencies with more sustainable paths of innovation. Several initiatives have been taken. Maybe the most interesting of the last five or six years is the creation of startups and small innovative companies. This is surprising, because the economic path followed by Brazil in recent years has been very poor, but, despite that, we have seen an explosion in the number of startups, of accelerators, incubators, co-working, venture capital, corporate ventures, etc. There is a profusion of players from large companies that are interested in accompanying what is happening with startups and investing in them, on through to innovation environments of a broad range of types and government programs. Brazil still has a lot to do, but, no doubt about it, transferring science to innovative companies could be an interesting alternative for taking advantage of the scientific capacity that we have created in recent years.

The internationalization of universities and other research institutions is recognized as an effective way to improve the quality of the knowledge produced. What attention has Fapesp given to this subject?

At Fapesp, the idea that internationalization is an important tool for improving the quality of science dates back to 2005 or 2006, when we created a set of initiatives to give incentive to international cooperation. Today, we have more than one hundred signed agreements with universities and with the main agencies for fomenting research, from all over the world. That effort has generated excellent results; some of the improvement in the quality of scientific production in São Paulo is due to that cooperation. In 2006, 25% of the articles by São Paulo researchers were done in partnership with colleagues from other countries; in 2016, that index rose to 40%. The articles written jointly by authors from São Paulo and another country always have greater impact indices than the articles written by authors from the same country.

Does Fapesp have connections with

the Program for Institutional Internationalization Program – Print – of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes)?

Fapesp collaborated with Capes in developing Print, which is an initiative inspired by the internationalization program of German universities. The German initiative was a pioneer program and served as a basis for numerous other countries, like Brazil and France, to create programs that improve the qualification of their universities at the international level. Fapesp, by nature, directly stimulates researchers to establish connections with other research groups throughout the world. Print went a step beyond, by adding an institutional component. It stimulates the main Brazilian research universities to create an internationalization strategy for their activities and, therefore, exhibiting them to the world and to cooperation.

A little over twenty years ago, Fapesp began funding research of interest to companies. Have there been any recent evolutions in this foment area?

Yes. The Research Partnership for Technological Innovation (PITE), was created in 1995 and focuses on large companies. On the other hand, Innovative Research in Small Companies (PIPE), came in 1997. In more recent years, we have innovated with the creation of engineering research centers, which also include projects with companies, but for longer periods of time, of up to ten years. Prior to that, only the Centers for Research, Innovation and Diffusion (Cepid), with their academic profile, were funded over long periods of time: eleven years. With longer funding periods, we seek to stimulate companies to do more audacious research. We apply that strategy to academic research, in which we want to be at the forefront, generating new knowledge. And Fapesp also wants the same thing to prevail with PITE companies and the engineering research centers. As for PIPE, we fund projects of up to two years. It is the only Fapesp program that does not require an academic title for the researcher. The requirement is that they prove they are capable of solving the problem that was proposed. And it is also the only program in which Fapesp grants funds directly to the company; there are 250 new projects per year. Companies funded by PIPE have been the focus of extraordinary interest of all types of venture capitalists. Even before this wave of success and the explosion of startups in Brazil, PIPE was already quite a successful program and became even more so within this environment that stimulated the rise of new and innovative small companies.

> **Over the past thirty years, the average growth in number of Brazilian published scientific articles has outstripped the global average.**

What do you think is important for expanding Brazil-Germany cooperation in science, technology and innovation?

We have a history of long-term relationships and of mutual trust between fomenting agents in Brazil and Germany, which I believe is the basis for any future enterprise between the two countries. I am highly optimistic about this. Of course, I think there are challenges for future cooperation, linked to a new world context, both from an economic point of view, with the resurgence of rivalry that is occurring between countries, and from a technological point of view, with a convergence of new technologies called exponentials, from such areas as artificial intelligence, Internet of Things, big data, and machine learning, down through a set of new technologies that often operate in combination with each other. This creates the landscape of an extraordinary revolution in the technical basis of the worldwide economy, which will have an enormous impact on everything: society, employment, international competitiveness, etc. Much can be done between the two countries, like the resumption of research and engineering activities of German companies in Brazil and their participation in the technological demands of sectors that are important to the Brazilian economy. Finally, I would say that we have the basis for institutional trust and mutual knowledge that is highly respected and friendly to German institutions. But we are living at a time of extraordinary disruption. I don't know if we have thought correctly about what these new things bring, in terms of challenges, and what we should rethink about cooperation. And, perhaps, the biggest challenge is to look at our present context and think about what new things we can do. ■

Conversas sobre o extremismo e a violência: os limites da repressão e a necessidade da prevenção direcionada

Dr. Stefan Kroll, Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF)

O 8º Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação dedicou-se ao tema "Radicalização e violência: perspectivas e abordagens preventivas". Palestrantes do Brasil e da Alemanha apresentaram pesquisas sobre tendências atuais nos seus respectivos países e enfatizaram a necessidade de se ter mais perspectivas interdisciplinares em pesquisas sobre o extremismo violento. Medidas preventivas devem considerar as causas sociais complexas da radicalização e estender-se para além do contexto imediato da segurança e da repressão, porque, caso contrário, efeitos opostos podem ser acionados.

PRIF-HSFK

Vivemos num período de polarização política nas sociedades democráticas. A princípio, essa observação parece não ser motivo de preocupação. A coesão democrática não é meramente o resultado de pontos de vista políticos harmoniosos, mas também inclui, e até precisa, de controvérsias e disputas sobre as perspectivas divergentes. Além disso, a polarização possui o potencial de avançar a democracia, já que as diferenças de agenda dos partidos políticos e atores poderão motivar os eleitores a participar das eleições e a tornar-se mais envolvidos nos processos políticos. Na Alemanha, pelo menos, a experiência mais recente das eleições é que os partidos populistas recebem o maior aumento de votos oriundos daqueles que não haviam aproveitado o direito a votar. Torna-se cada vez mais claro, porém, que esse populismo, o qual é apoiado por votos democráticos, produz situações que essencialmente ameaçam a democracia. Especialmente quando, como no caso da Alemanha e do partido Alternativa para a Alemanha (*Alternative für Deutschland – AfD*), isso é uma versão autoritária-nacionalista do populismo.

Prefiro não fazer uma distinção, aqui, entre a democracia "liberal" e a "iliberal", visto que isso poderia sugerir que existe um conceito bem fundamentado de uma "democracia iliberal" – mesmo que um líder e estadista europeu, Victor Orbán, tenha argumentado a favor de tal conceito em Băile Tuşnad, Romênia, em 2014. Embora a estrutura deste ensaio não permita sustentar isso com uma teoria da democracia, quero defender que uma comunidade política que restringe a diversidade e as liberdades individuais na forma que os atores iliberais demandam, atualmente, intervém tão profundamente nas possibilidades da liberdade e participação política que as compreensões razoáveis da democracia acabam severamente prejudicadas. Não existe uma estrutura democrática para o iliberalismo.

Isso se torna ainda mais óbvio quando o iliberalismo é usado como eufemismo para o nacionalismo étnico e o racismo, bem como uma linguagem política que relativiza ou incentiva a violência contra aqueles que possuem pontos

de vista políticos diferentes. Essa linguagem poderia criar um contexto em que a utilização da violência contra os opositores políticos se torna mais provável. Contudo, precisa-se enfatizar que seria simples demais argumentar que a brutalização do discurso político é *a causa* da violência política – é *uma condição*, mas não a única. Isso pode ser ilustrado por um caso recente da Alemanha.

O assassinato de um político alemão no último verão, supostamente cometido por um radical de direita, foi, no discurso político, entre outras coisas, atribuído à influência ideológica do partido populista de direita AfD. Esse discurso corre o risco de ignorar as causas sociais e individuais complexas por trás de tal ação. No fim, isso poderá até afetar o avanço do populismo. Além disso – e essa observação tem mais a ver com o extremismo religioso na Alemanha –, o discurso político e a mídia deverão se esforçar muito mais para analisar e classificar as ameaças de tal forma que o perigo para a população não seja exageradamente dramatizado. Na sua palestra, Julian Junk (Frankfurt) ilustrou que as percepções subjetivas e objetivas quanto à segurança na Alemanha divergem de maneira ampla demais. O perigo que isso representa eventualmente é a extensão desproporcional das medidas de segurança que inibem a liberdade individual.

> **Vivemos num período de polarização política nas sociedades democráticas.**

A comparação com a situação no Brasil é bastante didática nesse contexto. Aqui, também, pode-se observar a polarização do discurso político, mas é mais intensa, e traz consigo a consequência que um ator iliberal foi eleito para responsabilidades de governança. Outrossim, a situação no Brasil é caracterizada por um grau muito mais alto de violência. As palestras de Alba Zaluar (Rio de Janeiro) e Lilia Schwarcz (São Paulo) impressionaram ao mostrarem que as condições atuais são associadas com a intensificação, bem como a "normalização" (Schwarcz), do que já é um alto nível de violência. Ao mesmo tempo, porém, elas também mostraram que os motivos para isso não são meramente uma ideologia política, nem iliberalismo político. Antes, é um "círculo vicioso" (Zaluar) da dinâmica crescente da desigualdade social e da injustiça, crime, repressão do Estado e da política, bem como as narrativas religiosas para justificar a respectiva conduta violenta.

Com respeito à questão da prevenção, muitas contribuições continuaram sendo realizadas, a partir disso, e ilustraram que as medidas de repressão do Estado agravaram a situação durante várias décadas, em vez de melhorá-la. Esse fenômeno foi mostrado pelo trabalho de Camila Nunes Dias (São Paulo) sobre a violência da polícia e das redes criminosas, bem como por Frederico de Almeida (Campinas) e a sua perspectiva sobre a política autoritária no Brasil, desde o início da década de 1990. Essa observação deve, particularmente, ser uma indicação de como abordar os processos de radicalização, também na Alemanha, onde são levantadas demandas para se ter um processo criminal mais duro, e pode-se observar mudanças, mesmo de forma gradativa.

Entretanto, como mostrou o Diálogo, uma das principais preocupações da prevenção precisa ser compreender melhor as causas sociais mais profundas do extremismo violento. Embora isso soe como sendo paradoxal, uma das metas da prevenção deve ser de "desfazer a segurança" no discurso sobre a segurança, como disse Markus Michael-Müller (Berlim). A contribuição da pesquisa para

o desenvolvimento de instrumentos de prevenção mais direcionados consiste em contribuir para uma melhor compreensão dos processos de radicalização. Existe a necessidade de métodos quantitativos e qualitativos, ou seja, um pluralismo metodológico que ofereça uma compreensão mais profunda e evidências das causas e sequências da radicalização, como enfatizado por Andreas Armborst (Bonn) em sua contribuição.

Mas há o problema que os sucessos da pesquisa sobre a prevenção são dificultados pelo fato de que geralmente não são visíveis, uma vez que não podem ser conectados com eventos específicos. Essa pesquisa baseada nas evidências oferece elementos importantes para estratégias de intervenção que focam, por exemplo, os mecanismos que aceleram os processos da radicalização, tal como ocorre hoje nas mídias sociais e on-line, que representam um fator um tanto novo, mas de amplo alcance, como enfatizam Esther Solano (São Paulo) e Daniela Oswald Ramos (São Paulo).

> *A situação no Brasil é caracterizada por um grau muito mais alto de violência.*

De modo geral, o Diálogo fez jus às causas complexas da violência, também, através de uma perspectiva altamente interdisciplinar. Particularmente no Brasil, a desigualdade social também é conectada com questões da sustentabilidade do uso do solo e da segurança alimentar, que foram introduzidas no Diálogo por Stefan Sieber (Müncheberg) do ponto de vista agrícola. Brigitte Weiffen (São Paulo) complementou os debates com o seu trabalho sobre as respostas internacionais à violência política. Essa perspectiva é importante, visto que a violência possui não somente contextos nacionais, mas também dimensões transnacionais, que frequentemente são ignoradas durante o debate sobre as respostas governamentais.

Mais uma perspectiva importante para a compreensão do extremismo violento vem de uma abordagem do passado. Utilizando a Casa da Conferência Wannsee (Berlim) como exemplo, Hans-Christian Jasch (Berlim) mostrou como, na Alemanha, o passado do nacional-socialismo é também utilizado na educação política para a prevenção de formas atuais de radicalização. Thomas Fischer (Eichstädt), na sua palestra, apresentou uma visão geral histórica do desenvolvimento da pesquisa sobre paz e conflito na Alemanha. Fischer mostrou como os respectivos contextos históricos influenciaram fortemente as reorientações e inovações científicas. Ele concluiu enfatizando que as tendências atuais – os riscos decorrentes das mudanças ambientais, a digitalização e a inteligência artificial – requerem uma perspectiva interdisciplinar ainda mais forte desde o início.

O 8º Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação foi uma tentativa de focar esse olhar amplo e interdisciplinar em um dos desafios centrais atuais no Brasil e na Alemanha. Não há dúvida que o tema da radicalização e da violência seja um assunto altamente relevante ao qual a pesquisa que foi apresentada fará uma importante contribuição; não somente ao discurso acadêmico, mas também às tomadas de decisões políticas e à inovação tecnológica no campo da prevenção. O Diálogo trouxe os pesquisadores de ambos os países para uma conversa que alargou as suas respectivas perspectivas e, com certeza, resultará na cooperação e no intercâmbio no futuro, também. ■

Conversations on extremism and violence: the limits of repression and the need for targeted prevention

FELIPE MAIROWSKI

Dr. Stefan Kroll, Leibniz Peace Research Institute Frankfurt

The 8th German-Brazilian Dialogue on Science, Research, and Innovation was dedicated to the theme of „Radicalization and Violence: Perspectives and Prevention Approaches". Speakers from Brazil and Germany presented research on current trends in the respective countries and emphasized the need for more interdisciplinary perspectives in the research on violent extremism. Preventive instruments should address the complex social causes of radicalisation and go beyond the immediate context of security and repression, because otherwise opposite effects would be triggered.

We live in a period of political polarization of democratic societies. At first glance, this observation seems not to be a reason to be concerned. Democratic cohesion not only is the result of harmonious political views, but also includes and even needs controversies and disputes over diverging perspectives. Furthermore, polarization has the potential of furthering democracy since differences in the agendas of political parties and actors can motivate voters to participate in elections and to get more involved into political processes. It is the latest experience of elections in Germany at least, that populist parties receive the largest increase in votes from the group of former non-voters. It is becoming increasingly clear, however, that this populism, which is supported by democratic votes, produces developments that fundamentally threaten democracy. Especially when, as in the case of Germany and the party Alternative für Deutschland (AfD), it is an authoritarian-nationalist variant of populism.

I prefer not to apply a distinction between "liberal" and "illiberal" democracy here, as this might suggest that there could be a well-founded concept of an "illiberal democracy" – even though a European state leader, Victor Orban, argued in favour of such a concept in Băile Tuşnad (Romania) in 2014. Although the framework of this essay does not allow for underpinning this with a theory of democracy, I would like to argue, that a political community that restricts diversity and individual freedoms as much as illiberal

actors are demanding, intervenes so deeply in the possibilities of political freedom and participation that reasonable understandings of democracy are severely impaired. There is no democratic framework for illiberalism.

This becomes all the more obvious, when illiberalism is used as a euphemism for ethnic nationalism and racism as well as a political language which relativizes or motivates violence against those who have different political views. Such a language might create a context in which the use of violence against political opponents becomes more likely. However, it must also be emphasized that it would be too simple to argue that the brutalization of political discourse is the cause of political violence – it is a condition but not the only one. This may be illustrated by a recent case from Germany.

> **We live in a period of political polarization of democratic societies.**

The murder of a German politician this summer, allegedly committed by a right-wing radical, was inter alia attributed in political discourse to the ideological influence of the AfD right-wing populist party. Such a discourse runs the risk of overlooking the complex social and individual causes behind such an act. This might in the end have even the effect of furthering populism. Furthermore, and this observation is more connected to religious extremism in Germany, political discourse and the media should make greater efforts to analyse and classify threats in such a way that the danger to the population is not overdramatized. Julian Junk (Frankfurt) illustrated in his keynote address that subjective and objective perceptions of security in Germany diverge too widely. The danger this poses eventually is a disproportionate extension of security measures that curtail individual freedoms.

The comparison with the situation in Brazil is very instructive in this context. Here, too, a polarization of political discourse can be observed, but more intense, and with the consequence that an illiberal actor was elected into government responsibility. Furthermore, the situation in Brazil is characterized by a much higher degree of violence. The keynote lectures of Alba Zaluar (Rio de Janeiro) and Lilia Schwarcz (São Paulo) have impressively shown that the present developments are associated with an intensification and also "normalization" (Schwarcz) of an already high level of violence. At the same time, however, they also showed that the reasons for this are not just political ideology or political illiberalism. Rather, it is a "vicious circle" (Zaluar) of increasing dynamics of social inequality and injustice, crime, state repression and political as well as religious narratives to justify the respective violent behaviour.

With regard to the question of prevention, a number of contributions continued on from this and illustrated that state measures of repression have aggravated the situation over decades rather than improving it. A phenomenon which was shown by the work of Camila Nunes Dias (São Paulo) on police violence and criminal networks, as well as Frederico de Almeida (Campinas) and his perspective on authoritarian politics in Brazil since the early 1990s. This observation in particular should be an indication of how to deal with processes of radicalisation also in Germany, where also demands for tougher criminal prosecution are raised and change, albeit gradual, can be observed.

However, as the dialogue showed, one of the main concerns of prevention must be to better understand the deeper social causes of violent extremism. Although this sounds paradoxical, one aim of prevention should be to "de-securitize", as Markus Michael-Müller (Berlin) put it, the discourse on security. The contribution of research to the development of more targeted prevention instruments lies in contributing to a better understanding of radicalisation processes. Needed are quantitative and qualitative methods, in other words a methodological-pluralism, that provide deeper understanding and evidence of the causes and sequences of radicalization, as Andreas Armborst

(Bonn) has stressed in his contribution.

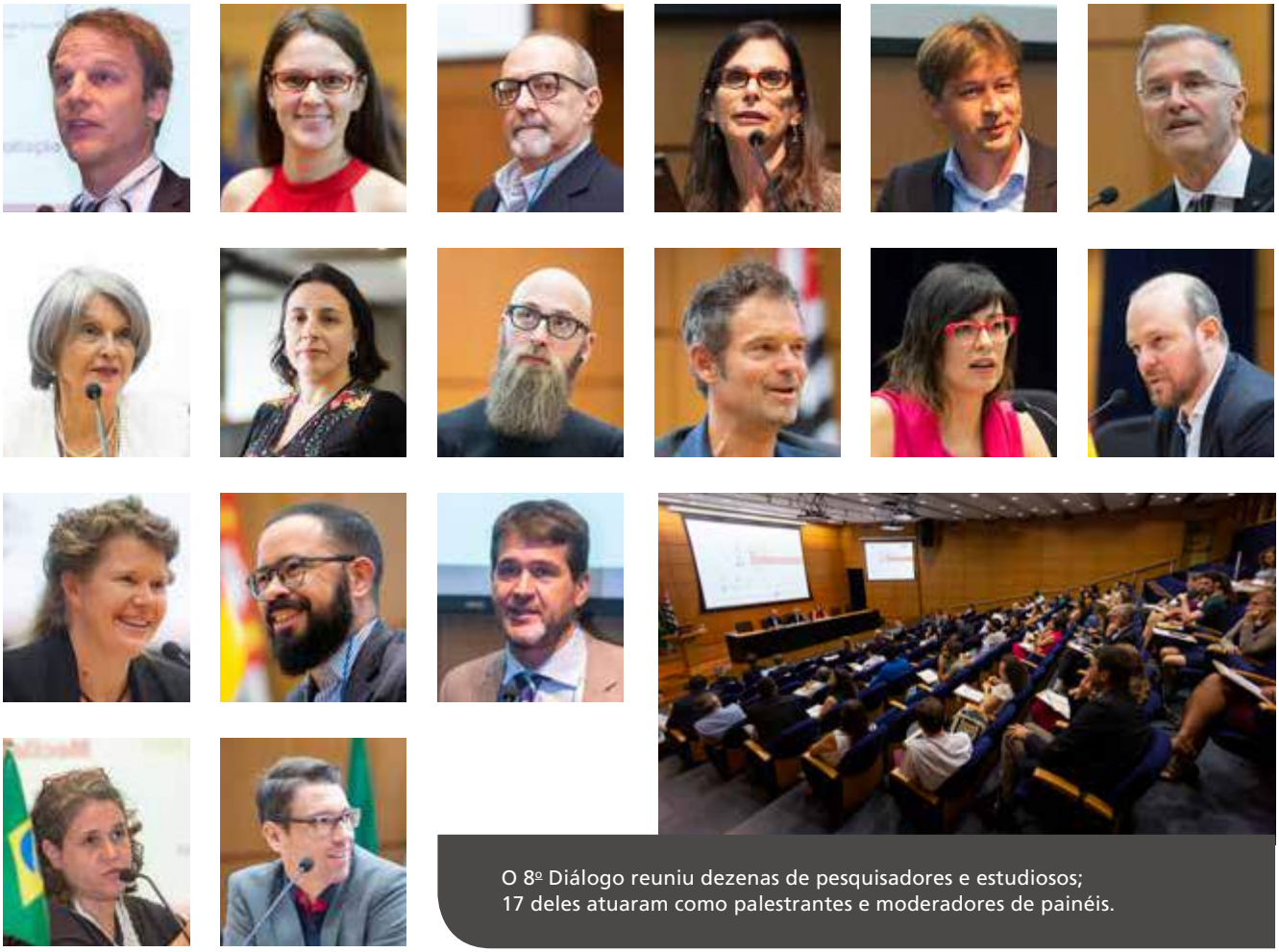
However, there is the problem, as he pointed out too, that research on prevention successes is made difficult by the fact that they are usually not visible, since they cannot be linked to specific events. This evidence based research provides the basis for intervention strategies that aims at intervening for example in the mechanisms that accelerate processes of radicalization, such as in the present in particular social and online media, which represent a rather new but far-reaching factor, as Esther Solano (São Paulo) and Daniela Oswald Ramos (São Paulo) have emphasized.

Altogether, the dialogue did justice to the complex causes of violence also through a high interdisciplinary perspective. Particularly in Brazil, social inequality is also linked to questions of sustainable land use and food security, which Stefan Sieber (Müncheberg) introduced into the dialogue from an agricultural perspective. Brigitte Weiffen (São Paulo) complemented the debates with her work on international responses to political violence. This perspective is important as violence has not only national contexts, but also transnational dimensions, which are often overlooked in the debate about governmental responses.

A further important perspective for understanding violent extremism is dealing with the past. Using the "House of the Wannsee Conferences" (Berlin) as an example, Hans-Christian Jasch (Berlin) showed how in Germany the past of National Socialism is used in political education also for prevention of present forms of radicalisation. Thomas Fischer (Eichstädt), in his Keynote, offered a historical overview of the development of peace and conflict research in Germany. Fischer showed how strongly the respective historical contexts influenced scientific reorientations and innovations. In his conclusion he emphasized that current trends – the risks posed by environmental change, digitalisation and artificial intelligence – call for an even stronger interdisciplinary perspective of a discipline which was interdisciplinary from its beginnings.

"The situation in Brazil is characterized by a much higher degree of violence.

The "8th German-Brazilian Dialogue on Science, Research and Innovation" was an attempt to take such a broad and interdisciplinary look at one of the central challenges of the present in Brazil and Germany. There is no doubt that the subject of radicalization and violence is a highly relevant subject to which the research which has been presented will make an important contribution; not only to the academic discourse but also to political decision making and technological innovation in the field of prevention. The dialogue has brought researchers from both countries into a conversation that has broadened their respective perspectives and will certainly lead to a cooperation and exchange also in the future. ■



FOTOS: FELIPE MAIROWSKI

O 8º Diálogo reuniu dezenas de pesquisadores e estudiosos; 17 deles atuaram como palestrantes e moderadores de painéis.

Contra violência e radicalização, **a ciência**

8º Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação mostra que cientistas têm o papel fundamental de examinar as rotas e causas da violência e identificar meios de suprimi-la ou, ao menos, reduzi-la

Tentar entender as motivações para o comportamento humano e os condicionamentos sociais, econômicos e políticos que alavancam, alimentam e aumentam a violência. Com essas palavras, Marco Antonio Zago, presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), resumiu os objetivos do 8º Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação, realizado na sede da Fundação, em São Paulo, nos dias 30 e 31 de outubro de 2019, com o tema "Radicalização e violência: perspectivas e abordagens preventivas".

Organizado pelo Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo (DWIH São Paulo), em conjunto com a Fapesp, o encontro reuniu dezenas de especialistas do Brasil e da Alemanha, atuantes em instituições de ensino e pesquisa como as universidades de São Paulo (USP), do Estado do Rio

de Janeiro (UERJ), Federal de São Paulo (Unifesp), a Freie Universität Berlin (FU Berlin), o Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF) e o German National Center for Crime Prevention (NCCP), entre outras.

Marco Antonio Zago falou na abertura do evento, cuja sessão teve participação também do cônsul-geral da Alemanha em São Paulo, Axel Zeidler, e do diretor do DWIH São Paulo e do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) no Brasil, Jochen Hellmann.

"A violência tem muitas faces. Em uma delas, com manifestações extremas, estão a matança de cidadãos e policiais, conflitos entre gangues rivais, dominação de locais por grupos armados e pelo tráfico de drogas, criando o que se acostumou chamar de 'ecologia do perigo'. Os aspectos econômicos, legais e sociais dessa violência, fortemente enraizada na desigualdade social, são campos que convidam à pesquisa", enfatizou o presidente da Fapesp. "Como somos cientistas e acreditamos no método científico, promovemos pesquisas sistemáticas para revelar as causas e as rotas da violência".

O cônsul-geral da Alemanha em São Paulo, Axel Zeidler, enumerou algumas razões comuns para comportamentos radicais no mundo todo e destacou o papel da ciência na prevenção do fenômeno. "A radicalização pode ter como fonte a não satisfação de necessidades básicas, o sentimento de ter recebido um tratamento injusto, a desigualdade social, a falta de acesso à educação e à formação; mas também, por exemplo, a luta pelo controle de algo ou algum lugar, ou o desejo de ser notado. A ciência pode contribuir para prevenir a radicalização ao identificar futuras razões ainda não caracterizadas e, diante delas, explorar possibilidades de ação".

Zeidler atentou ainda para a necessidade de uma abordagem multidisciplinar do tema, que reúna expoentes de várias áreas, e parabenizou os organizadores do Diálogo por proporcionarem tal tipo de debate. Chamou a atenção, ainda, para que o assunto em questão seja tratado do ponto de vista da política internacional. "Temos experimentado, por exemplo, como o nacionalismo e o isolamento estão sendo vendidos como soluções simples para problemas complicados em todo o globo. Para nós, alemães, uma coisa é clara: temos de resistir a isso. Mas não cortando relações, pelo contrário: falando menos sobre nós mesmos e conversando mais uns com os outros. Precisamos de mais paciência, mais objetividade e mais boa vontade para entender a perspectiva dos outros, para dialogar e proteger os interesses mútuos", postulou, afirmando que o Ministério Federal das Relações Externas da Alemanha está engendrando uma cooperação entre cientistas de várias partes do mundo a respeito do tema.

Na mesma direção, Zago lembrou que há outras facetas sutis, mas não menos destrutivas, da violência, como a de natureza política, segundo ele uma presença constante no mundo. "Uma boa olhada na nossa história recente mostra que quase nenhum país foi poupado, e a situação hoje também não é muito encorajadora".

Para Jochen Hellmann, diretor do DWIH São Paulo, a temática sobre extremismo e violência é tão importante para a sociedade quanto temas como a descoberta da cura de doenças, por exemplo. "Eu gostaria de atentar para um questionamento: qual seria o significado de 'inovação' no contexto desta conferência? Em outros campos, é mais fácil saber: a invenção dos veículos autônomos, por exemplo; ou uma maneira de erradicar o câncer. Isso seria inovação, e creio que todos concordam. Mas, eu pergunto: na comunidade científica, estão todos conscientes dos aspectos inovadores do tópico de pesquisa do qual estamos tratando aqui?"

Relembrando que o objetivo do Diálogo é conectar as "escolas científicas" alemã e brasileira, Hellmann chamou a atenção para os possíveis resultados das discussões que se seguiriam. "As descobertas de experts, como os aqui presentes, vindos de universidades brasileiras e alemãs, no campo da prevenção ao crime, da luta contra o extremismo e da promoção de maneiras pacíficas de lidar com conflitos, são tão inovadoras como os resultados de pesquisas no campo da engenharia e de outras disciplinas técnicas".

De acordo com Zago, é responsabilidade dos cientistas não apenas examinar as rotas e causas da violência, mas identificar meios efetivos de suprimi-la ou reduzi-la. "A democracia depende fortemente do sucesso de iniciativas como esta".

Financiamento – O 8º Diálogo apresentou uma novidade em sua programação: sessões de esclarecimento sobre programas de fomento à pesquisa mantidos por agências da Alemanha e do Brasil.

No dia 30, pesquisadores e demais participantes do evento receberam informações e puderam tirar dúvidas sobre financiamento para atividades de cooperação científica. Estavam presentes representantes da Sociedade Alemã de Amparo à Pesquisa (DFG), Kathrin Winkler; do DAAD Brasil, Francine Camelim; e da Fapesp, Paula Montero.

No dia seguinte, as informações se referiram a programas de financiamento individual ao pesquisador. A DFG e o DAAD estavam com as mesmas representantes do dia anterior, enquanto pela Fapesp os esclarecimentos foram prestados por Euclides de Mesquita Neto. A Fundação Alexander von Humboldt também participou, por meio de Heloisa Estellita. ■

Science against violence and radicalization

8th German-Brazilian Dialogue on Science, Research and Innovation shows that scientists play a fundamental role in examining the routes and causes of violence and in identifying means of eliminating it or, at least, reducing it

Attempt to understand the motives for human behavior and the social, economic, and political conditions that leverage, feed, and increase violence. With these words, Marco Antonio Zago, President of the São Paulo Research Foundation (Fapesp), summarized the objectives of the 8th German-Brazilian Dialogue on Science, Research and Innovation, held at the Foundation's headquarters, in São Paulo, October 30-31, 2019, on the subject "Radicalization and violence: perspectives and prevention approaches".

Organized by the German Centre for Research and Innovation São Paulo (DWIH São Paulo), in conjunction with Fapesp, the encounter brought together more than 20 experts from Brazil and Germany, who are active in universities and research institutions, such as the University of São Paulo (USP), Rio de Janeiro State University (UERJ), Federal University of São Paulo (Unifesp), the Freie Universität Berlin (FU Berlin), the Peace Research Institute Frankfurt (PRIF), and the German National Center for Crime Prevention (NCCP), among others.

Marco Antonio Zago spoke in the opening session of the event, in which Mr. Axel Zeidler, Consul-General of Germany in São Paulo, and the Director of DWIH São Paulo, Mr. Jochen Hellmann, took part.

"Violence has many facets. One of them, with extreme manifestations, is the killing of citizens and police officers, conflicts between rival gangs, the domination of areas by armed groups and drug trafficking, creating what is commonly known as 'the ecology of danger'. The economic, legal, and social aspects of such violence, which is heavily rooted in social inequality, are fields that call for research," emphasized the President of Fapesp. "Since we are scientists and believe in the scientific method, we perform systematic research studies, in order to reveal the causes and routes of violence. The Consul-General of Germany in São Paulo, Mr. Axel Zeidler, enumerated some of the common reasons for radical behavior across the world and highlighted the role of science in preventing the phenomenon. "Radicalization could arise from dissatisfaction over the lack of having basic needs met, the feeling of having been treated unfairly, social inequality, the lack of access to education and a university degree; but it could also arise, for example, from the struggle to control something or some place, or the desire to be noticed. Science can contribute to the prevention of radicalization by identifying future reasons that have not yet been defined, and in light of them, exploring possibilities for action to be taken."

Zeidler also emphasized the need for a multidisciplinary approach to the subject, which brings together exponents from a variety of areas, and he congratulated the Dialogue's organizers for making this type of debate possible. He further directed attention to dealing with the subject at hand from the point of view of international politics. "For example, we have experienced how nationalism and isolationism are being touted as simple solutions for complicated problems throughout the planet. For us, as Germans, one thing is clear: we have to resist this, not by cutting off relationships but, rather, on the contrary, by talking less about ourselves and conversing more with each other. We need to be more patient, to be more objective, and to have more good will in attempting to understand the perspective of others, in order to dialogue and protect our mutual interests," he stated, adding that the German Federal Foreign Office is fomenting cooperation between scientists from around the world regarding this subject.

Along the same line, Zago remembered that there are other subtle, but no less destructive, facets of violence, such as its political nature, which he sees as a constant presence, worldwide. "Taking a good look at our recent history shows

FOTOS: FELIPE MAIROWSKI

Marco Antonio Zago, President of the São Paulo Research Foundation (Fapesp)

Jochen Hellmann, Director of DWIH São Paulo

Axel Zeidler, Consul-General of Germany in São Paulo

that almost no country has been spared, and neither is today's situation very encouraging."

According to Jochen Hellmann, Director of DWIH São Paulo, the subject of extremism and violence is as important for society as the subject of discovering the cure for diseases, for example. "I would like to give emphasis to a line of questioning: what would be the meaning of 'innovation' in the context of this conference? In other fields, it is easier to answer that query: the invention of autonomous vehicles, for example; or a way of eradicating cancer. That would be innovation, and I believe that everyone would agree. But, I ask: in the scientific community, is everyone conscious of the innovative aspects of the subject of research that we're dealing with here?"

Reminding that the objective of the Dialogue is to connect German and Brazilian "scientific schools", Hellmann called attention to the possible results of the discussions that would follow. "The discoveries of experts, like those in attendance here, coming from Brazilian and German universities, in the field of crime prevention, of the fight against extremism, and the promotion of peaceful means of dealing with conflict, are just as innovative as the results of research in the field of engineering and of other technical disciplines."

According to Zago, it is the responsibility of scientists to not only examine the routes and causes of violence, but to identify effective means of eliminating or reducing it. "Democracy depends heavily on the success of such initiatives as this one."

***Funding –** The 8th Dialogue offered something new in its schedule: clarification sessions regarding programs for fomenting research that are maintained by agencies in Germany and in Brazil. On October 30, researchers and other participants in the event received information and could ask questions about funding for activities involving scientific cooperation. In attendance were representatives of the German Society for Research Funding (DFG), Kathrin Winkler; of the German Academic Exchange Service (DAAD), Francine Camelim; and Fapesp, Paula Montero. The following day, the information had to do with programs for funding individual researchers. The DFG and the DAAD had the same representatives as the previous day, while explanations regarding Fapesp were provided by Euclides de Mesquita Neto. The Alexander von Humboldt Foundation also took part, in the person of Heloisa Estellita.* ■

GORODENKOFF/ISTOCK

Novos instrumentos **do terror**

Extremistas de direita passaram a utilizar as mídias digitais, com transmissões ao vivo e publicação de manifestos on-line, para reforçar seus atos de terrorismo

Pela primeira vez no Brasil, Julian Junk foi o keynote speaker alemão no primeiro dia do Diálogo. Líder do grupo de pesquisadores que estuda o tema da radicalização no Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF), ele falou sobre o uso das plataformas digitais e seu papel na radicalização e no extremismo de ultradireita na Alemanha e na Europa. O tema coloca em relevo o papel da internet nas estratégias de recentes eventos atribuídos a partidários da extrema direita e a dimensão que eles ganharam em função das novas mídias.

Um dos exemplos utilizados por Junk foi o ataque defronte a uma sinagoga em Halle, no leste da Alemanha, em outubro de 2019. O executor do atentado transmitiu suas ações ao vivo por 35 minutos numa plataforma on-line de um videogame. Duas pessoas foram mortas. "Em carta publicada antes do atentado, ele descortinou sua visão profundamente antissemita, misturada a todos os tipos de teorias da conspiração, em uma narrativa antifeminista, antimuçulmana e antiesquerda", revelou Junk.

O pesquisador citou dois outros eventos recentes. Um deles, o massacre em El Paso (Texas, EUA), em agosto de 2019, em que um rapaz de 21 anos abriu fogo dentro de um shopping center, matando 22 pessoas e ferindo mais de 20. Seu alvo, conforme relatou em um manifesto na internet, eram cidadãos hispânicos. Outro ataque a tiros ocorreu na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, em março de 2019. Os alvos foram duas mesquitas, onde morreram 49 pessoas e 42 ficaram feridas. O agressor fez transmissão ao vivo pela internet por 17 minutos.

Junk lembrou também dos atentados ocorridos na Noruega, em 2011, nos quais, após uma explosão no centro governamental de Oslo, um militante de extrema direita matou a tiros 72 estudantes na ilha de Utoya. Os ataques foram orquestrados. E em Toulouse, França, em 2012, quando um atirador franco-argelino filmou o assassinato de três crianças e de um rabino em uma escola.

"Todos esses ataques levantam questões importantes e nos mostram a complexidade que é debater sobre eles. Particularmente no que diz respeito ao extremismo de direita, os ataques da Noruega, em 2011, são um ponto de inflexão: tinham uma estratégia de mídia que incluía a publicação de manifestos na internet, a encenação e os aspectos performáticos inerentes ao terrorismo. Outros ataques que vieram depois copiaram alguns desses elementos. São estratégias deliberadas de uso da internet e das plataformas de mídias sociais", disse ele.

Ao vivo, em streaming – Segundo o especialista, nos casos listados acima, percebe-se uma mudança nos anos recentes. "Em Toulouse, o agressor filmou o massacre e enviou o conteúdo em um pen drive para a rede de TV Al Jazeera, que se recusou a mostrá-lo a seus telespectadores. Em Christchurch e Halle tudo foi transmitido diretamente por streaming, de modo que a mídia tradicional ficou relegada a outro papel". Na opinião de Junk, essa nova configuração dos meios de

comunicação "cria um leque de problemas e de questionamentos sobre como lidar com a radicalização on-line".

Ele afirmou que, politicamente, observam-se altos e baixos na adoção de contramedidas. "O que ocorreu em Halle levantou um debate sobre a radicalização on-line e também sobre a estrutura de organização de extremistas de direita. O que, de fato, sabemos?"

Chamando a atenção para a ambivalência do termo "radicalização", o pesquisador do Peace Research Institute destacou os pontos cegos da discussão sobre o tema. "O termo 'radicalização' na Alemanha, e creio que em outros lugares, está conectado com a ocorrência de uma crise, um problema para a sociedade. Na Alemanha usamos basicamente como sinônimo para o extremismo islâmico. Mas essa não é exatamente a origem do termo, que também aparece no discurso emancipatório da esquerda e dos liberais. Por muitos anos, 'radicalizar' teve conotação positiva, muito diferente de hoje. Fizemos uma pesquisa e percebemos que passou a ser usado negativamente na mídia alemã a partir de 2007".

Segundo Junk, nas democracias é preciso certo grau de radicalismo, ou de ideias radicais, sem as quais não se progride e não se estabelecem os debates necessários.

"Outro nível de ambivalência", ele destacou, "reside no fato de o uso do termo 'radicalização' concentrar-se muito na ideia do ato de cometer a violência, o que implica questões de segurança, mas geralmente negligencia a radicalização sem violência. Precisamos de uma visão mais ampla: a radicalização não é só aquilo que resulta num ato de violência; ela também pode ser retórica".

Formas mil – Junk apontou ainda dois outros níveis de radicalização: a individual e a de grupos. Destacou que "há narrativas coletivas de discriminação, de marginalização e de privação; no plano individual, o problema é mais complexo e, geralmente, não tem explicações que apontem para uma só causa". Segundo o especialista, a radicalização raramente é um fenômeno que acontece repentinamente, mas seu monitoramento é difícil. "Também notamos uma interdependência entre a radicalização individual on-line e off-line: ou seja, dificilmente ela acontece apenas nas redes".

A diversidade de formatos que a radicalização on-line adquire também foi destacada por Junk. "São vídeos, memes, cartuns, fotos, músicas, apps, jogos...", elencou. "Desenvolvemos, a pedido do governo alemão, uma ferramenta de monitoramento para identificar discurso de ódio de grupos radicais. Mas esse trabalho é dificílimo; é preciso balizar com cuidado o que é segurança e o que é privacidade".

Para Junk, não apenas indivíduos e grupos se tornam radicais, mas as sociedades também. "Entre os possíveis indicadores dessa radicalização no seio da sociedade estão o comportamento eleitoral, atos de violência e número de extremistas".

O que fazer? – As prioridades são muitas, elencou o pesquisador. Em primeiro lugar, romper as "ilhas de conhecimento" que colocam em lados opostos pesquisadores e o staff operativo das agências de segurança. "Outra prioridade é a troca internacional de informações sobre as melhores práticas para lidar com o tema, e as piores também, para impedir que se repitam. Coragem e tempo para realizar pesquisa empírica também são desejáveis. E, ainda, é preciso que os projetos que tentam dar conta da situação deixem de ser apenas projetos e se tornem sustentáveis, sobretudo em nível local".

Ele sugere ainda que as abordagens e projetos preservem a pluralidade de visões e dos atores, e que mantenham o foco no sistema educacional e no treinamento de profissionais, além da realização de avaliações sistemáticas do escopo das iniciativas. ■

FELIPE MAIROWSKI

O início dos trabalhos

O painel que inaugurou as apresentações e debates do 8º Diálogo contou com dois keynote speakers. Do lado alemão esteve Julian Junk, do Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF); do brasileiro, Alba Zaluar, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) (*veja páginas 26 e 27*).

O painel foi coordenado por Stefan Kroll, também do PRIF (*foto*).

New *terror instruments*

Right wing extremists have begun to use digital media, with live streaming and publishing manifestos online, to reinforce their acts of terrorism

For the first time in Brazil, Julian Junk was the German keynote speaker on the first day of the Dialogue. The leader of the research group that is studying the subject of radicalization through the Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF) spoke about the use of digital platforms and their role in the ultra-right wing radicalization and extremisms in Germany and in Europe. The subject highlights the role of the internet in the strategies of recent events attributed to members of the extreme right wing and the dimension they have gained due to new media.

One of the examples used by Junk was the attack in front of a synagogue in Halle, eastern Germany, in October 2019. The one who carried out the attack transmitted his actions, live, for 35 minutes via the online platform of a video game. Two people were killed. "In a letter posted before the attack, he expressed his deeply anti-Semitic view, mixed with all types of conspiracy theories, anti-feminist, anti-muslim, and anti-left wing," said Junk.

The researcher cited two other recent events. One of them, the massacre in El Paso, Texas, in August 2019, where a 21-years-old man opened fire inside a shopping mall, killing 22 people and wounding more than 20 others. According to a manifesto he posted on the internet, he was targeting Hispanics. Another shooting attack occurred in the city of Christchurch, New Zealand, in March 2019. The targets were two mosques, where 49 people died and 42 were wounded. The attacker live-streamed everything on the internet for 17 minutes.

Junk also remembered the attacks that occurred in Norway, in 2011, in which, after an explosion at the seat of government in Oslo, an extreme right wing militant killed 72 students on the Island of Utoya. Those attacks were orchestrated. And in Toulouse, France, in 2012, when a Franco-Algerian shooter filmed the murder of three children and a rabbi in a school.

"All of those attacks raise important issues and show us the complexity of discussing them. Particularly with regard to right wing extremism, the attacks in Norway, in 2011 were a turning point: they had a media strategy that included posting manifestos on the internet, as well as the staging and performance aspects inherent to terrorism. Other attacks that came later copied some of those elements. They were deliberate strategies for using the internet and social media platforms," he said.

***Live streaming –** According to Junk, in the cases cited above, one can see change taking place in recent years. "In Toulouse, the attacker filmed the massacre and sent it on a pen drive to the Al Jazeera TV network, which refused to show it to its television audience. In Christchurch and Halle, everything was streamed live, so the traditional media was given a back seat." In Junk's opinion, this new configuration of the communication media "creates a broad spectrum of problems and questions regarding how to deal with online radicalization."*

He stated that, politically, one sees high and low points in the adoption of countermeasures. "What happened in Halle sparked debate about online radicalization, as well as the organizational structure of right wing extremists. What do we actually know?"

Calling attention to the ambivalence of the term "radicalization", the scientist from the Peace Research Institute highlighted the blind spots in the discussions on the subject. "The term 'radicalization', in Germany and, I believe, in other places, is connected with the occurrence of a crisis, a problem for society. In Germany, we basically use it as a synonym for Islamic extremism. But this is not exactly the origin of the term, which also appears in the emancipatory discourse of the left and of liberals. For many years, 'radicalize' had a positive connotation, much different from today. We did a study and found that it began to be used negatively in the German media as of 2007."

Junk says that democracies need a certain degree of radicalism, or of radical ideas, without which it does not progress and the necessary debates on issues are not held.

"Another level of ambivalence," he stressed, "lies in the fact of the concentrated use of the term 'radicalization' with regard to the act of committing violence, which implies security issues, but it generally neglects the concept of radicalization without violence. We need a broader vision: radicalization is not only that which results in an act of violence; it can also be rhetorical."

FELIPE MAIROWSKI

Julian Junk, of the Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF)

The beginning of the work

*The panel that opened the presentations and discussions of the 8th Dialogue had two keynote speakers. On the German side was Julian Junk, of the Leibniz Peace Research Institute Frankfurt (PRIF); and on the Brazilian side, Alba Zaluar, of the Rio de Janeiro State University (UERJ) (***see pages 28 and 29***).*

The panel was moderated by Stefan Kroll, also from PRIF.

A thousand ways – *Junk also indicated two other levels of radicalization: individual and group. He emphasized that "there are collective narratives of discrimination, of marginalization, and of privation; on an individual level, the problem is more complex and, generally speaking, there are no explanations that indicate just one cause." The expert stated that radicalization rarely is a phenomenon that happens suddenly, but it is difficult to monitor. "We also noted an interdependence between individual radicalization on and off line: that is, it does not often happen merely on the social networks."*

The diversity of formats that online radicalization acquires was also pointed out by Junk. "There are videos, memes, cartoons, photos, music, apps, games...," he listed. "At the request of the German government, we developed a monitoring tool to identify the hate discourse of radical groups. But that is an extremely difficult task; it is necessary to carefully define where security ends and privacy starts."

Junk believes that not only individuals and groups become radicals, but that societies do, as well. "Among the possible indicators of radicalization at the heart of society are electoral behavior, acts of violence, and the number of extremists."

What can be done about it? – *The researcher said there are many priorities. First, break up the "islands of knowledge" that place researchers and operating staffs of security agencies on opposite sides. "Another priority is the international exchange of information regarding best practices for dealing with the subject, as well as the worst, in order to keep them from being repeated. Having courage and time for doing empirical research is also desirable. Furthermore, it is necessary that the projects attempting to deal with the situation no longer be mere projects and become sustainable, above all at the local level."*

He also suggests that the approaches and projects preserve the plurality of viewpoints and of the players, and that they maintain a focus on the educational system and on professional training, besides performing systematic evaluations of the scope of the initiatives. ■

STEVECOLE IMAGES/ISTOCK

Drogas, tráfico **e violência**

Para pesquisadora, concorrência gerada pelo tráfico transnacional de drogas ilícitas, devida aos altos preços dos "produtos", leva inevitavelmente à violência

Antropóloga, filósofa e docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde criou o Núcleo de Pesquisas em Violências (Nupevi), a professora Alba Zaluar foi a keynote speaker do lado brasileiro do 8º Diálogo. Segundo ela, a cultura política brasileira é marcada por uma divisão entre o cumprimento da lei e da ordem a qualquer custo e o magnetismo de uma condição sem nenhuma lei ou ordem.

"A primeira situação identificamos no apelo a práticas sociais autoritárias e despóticas, como a que prega que 'bandido bom é bandido morto'; a segunda, na adesão a posturas anárquicas exemplificadas por crenças como 'faço porque quero', e não porque 'eu tenho direito a'. Ambas ameaçam o estado de direito: a primeira por medidas repressivas excessivas, a outra por não respeitar os controles institucionais e o sistema punitivo", resumiu Zaluar no início da palestra intitulada "Círculos viciosos em segurança pública e o aumento dos crimes no Brasil".

Segundo ela, que se dedicou a estudar desigualdade social, pobreza urbana, violência, tráfico de drogas e políticas públicas, entre outros temas afins, houve uma polarização acerca das explicações que duas correntes teóricas buscaram para o aumento da criminalidade no Brasil na década de 1970, sobretudo na região Sudeste. "Aqueles movidos por preocupações com a lei e a ordem creditaram o fenômeno a uma ação policial ineficiente, que precisava de mais investimentos, mais tecnologia e mais detenções. Outros, que se opunham ao controle do Estado, não conseguiram ver os efeitos sociais e culturais da criminalidade e da violência na vida diária das pessoas, e perderam a noção dos limites das liberdades, ignorando as questões urgentes da segurança pública".

A polarização, de acordo com a professora, radicalizou os argumentos de ambos os lados. Ela lembrou que a desigualdade permaneceu no bojo dos argumentos, com mais ou menos protagonismo, reforçando a necessidade de melhorias no sistema de justiça.

"Além disso, analisando ambos os discursos, encontra-se nas entrelinhas uma aprovação da violência. No primeiro caso, como única resposta ao perigo de criminosos violentos; no segundo, no espírito revolucionário dos bandidos que carregam armas".

Tráfico de drogas – Segundo Zaluar, o uso de drogas associado à violência também vem polarizando a opinião pública. No plano internacional, ela afirmou que as pesquisas focam o uso compulsivo de drogas, o que levaria jovens a crimes violentos, seja para conseguir dinheiro para comprá-las, seja para exercer autodefesa em caso de reação, por exemplo, a ameaças no momento da compra. Esse escopo também evidenciou os efeitos combinados da dependência de cocaína e crack com o seu alto consumo, na tentativa de estabelecer uma relação entre o uso exagerado ou descontrolado de drogas e a violência.

Ela observou a existência de um elemento que tem influência sobre o resultado do enfrentamento do problema: a ausência de política estatal de prevenção de uso e de tratamento para os usuários com elevado consumo de drogas – uma preocupação de saúde pública que tem impacto sobre a segurança pública. "Isso mostra que temos de conectar as questões de saúde pública e segurança pública".

Para a pesquisadora, embora não se encarcere mais o usuário no Brasil, há diferenças sociais marcantes entre quem vai ser acusado por tráfico ou por uso de drogas. "Após o flagrante, os acusados são colocados em uma audiência de custódia dirigida por um juiz leigo. Não ter dinheiro para pagar por um bom advogado pode interferir no resultado. Estudos recentes mostram que 70% dos jovens das periferias considerados traficantes e condenados à privação de liberdade relataram dificuldade de serem ouvidos pelos juízes", revelou Zaluar.

O principal aspecto para entender a violência, na visão da pesquisadora, são os padrões do tráfico de drogas no país, principalmente com base no controle armado de territórios, inclusive dentro das prisões. "Desde a década de 1980, estudo as disputas entre grupos concorrentes no lucrativo negócio de drogas ilegais nas ruas e nas prisões. Para um sujeito ser respeitado, ele deve mostrar disposição para matar. Essa perspectiva enfatiza os efeitos do tráfico transnacional de drogas ilícitas, que às vezes promove uma concorrência acirrada entre traficantes devido aos altos preços que as drogas atingem, o que inevitavelmente leva à violência quando chega a hora de cobrar dívidas ou exercer controle no mercado local".

A antropóloga reforçou que, no Brasil, não houve mudanças na política de guerra às drogas, que segue "enxugando gelo", no jargão popular. "Os jovens são encarcerados em instituições onde encontram grupos organizados que lhes oferecem alguma segurança ali dentro, além de um sentimento de pertencimento a um grupo do lado de fora".

Terrorismo e armas – Zaluar chamou a atenção para dois novos atores na economia e na política mundiais que vêm contribuindo para tornar o quadro da violência ainda mais complexo: o terrorismo e o crime organizado. "O crime hoje é uma multinacional financeira multiuso identificada como COT (crime organizado transnacional). Além das atividades habituais de negócios ilegais, o COT hoje centra-se no negócio altamente lucrativo de tráfico de drogas e armas. Nessa rede, conflitos são decididos violentamente, com o uso de armas", destaca a pesquisadora, atentando para o enorme problema mundial da proliferação de armas pequenas e leves.

"As estatísticas falam de 640 milhões de armas pequenas e leves em circulação em todo o mundo, das quais de 20% a 40% são ilegais. Entre a população brasileira, as armas ilegais estão concentradas em bairros nos quais vivem os pobres e os homicídios são mais frequentes na guerra irregular entre facções criminosas e incursões policiais armadas. Chamo de irregular porque não tem códigos internacionais legais, nenhuma formalidade para iniciar e terminar, nenhuma negociação formal para colocar um ponto final. Investigar as redes e os métodos, incluindo os de lavagem de dinheiro, é uma obrigação do Estado para cessar os danos colaterais do tráfico de armas".

Homens (negros) jovens – De acordo com o Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2017, ocorreram, no Brasil, 49,5 mil homicídios de negros e 16 mil de não negros. Naquele ano, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil – uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil pessoas. Destes, 94% eram homens. Homicídios foram a causa de 51,8% dos óbitos de jovens de 15 a 19 anos. Zaluar destacou que há, sim, uma correlação entre as taxas de homicídios e raça, mas é apenas uma correlação estatística e não uma evidência de causalidade.

"O assassinato não é dirigido a uma raça específica, mas afeta jovens pobres que vivem em favelas ou distritos em que armas estão facilmente disponíveis e onde há uma deficiência de cidadania relacionada às políticas sociais. É mais falta de cidadania do que racismo. Vulnerável é outro nome para não cidadão, uma pessoa que não é ouvida ou vista, que não fala e que não tem poder participativo em assuntos que envolvem agentes governamentais". ■

Nota: *É com pesar que informamos que a professora Alba Zaluar faleceu no dia 19 de dezembro de 2019.*

Drugs, trafficking, and violence

Researcher states that the competition generated by transnational trafficking of illegal drugs, due to high prices of the "products", inevitably leads to violence

Anthropologist, philosopher, and professor at Rio de Janeiro State University (UERJ), where she created the Center for Research on Violence (Nupevi), Professor Alba Zaluar was the keynote speaker for the Brazilian side of the 8th Dialogue. According to her, the Brazilian political culture is marked by a separation between complying with law and order at any cost and the magnetism of a condition with no law or order.

"We identify the first situation in the appeal to authoritarian and despotic social practices, as in the old saying that 'a good criminal is a dead one'; the second, in the adherence to anarchical stances exemplified by such beliefs as 'I do it because I want to', and not because 'I have the right to'. Both are a threat to the rule of law: the first due to excessive repressive measures, and the other due to not respecting the institutional controls and the punitive system," Ms. Zaluar summarized, at the beginning of her presentation entitled "Vicious circles in public safety and the increase of crime in Brazil."

Ms. Zaluar, who has dedicated her studies to social inequality, urban poverty, violence, drug trafficking, and public policies, among other related subjects, says that there was polarization regarding the explanations of two theoretical lines of thinking about the increase in crime in Brazil in the 1970s, especially in the Southeast region. "Those who were motivated by concerns about law and order linked the phenomenon to inefficient police activities, believing there was a need for more investments, more technology, and more arrests. Others, who were opposed to State controls, were unable to see the social and cultural effects of crime and violence in the daily lives of people, and lost sight of the limits on freedom, while ignoring urgent issues regarding public safety."

From the viewpoint of the professor, the polarization radicalized the arguments of both sides of the issue. She reminded that inequality remained at the heart of the arguments, with more or less active participation, thus reinforcing the need for improvements in the judicial system.

FELIPE MAIROWSKI

Alba Zaluar was professor at the State University of Rio de Janeiro

"Furthermore, when analyzing both discourses, we find approval for violence between the lines. In the first case, it was the only response to the danger of violent criminals; in the second, it was in the revolutionary spirit of criminals who carry arms."

Drug trafficking – *According to Ms. Zaluar, the use of drugs, associated with violence, has also been polarizing public opinion. On the international level, she*

stated that research studies focus on the compulsive use of drugs, which would lead young people into violent crimes, whether to get money for purchasing the drugs, or to stand up in self-defense, for example, in the case of reactions to threats at the moment of purchase. This scope also showed the combined effects of cocaine/crack dependency with its high level of consumption, in the attempt to establish a relationship between the exaggerated or uncontrolled use of drugs and violence.

She observed the existence of an element that has an influence on the result of confronting the problem: the absence of a State policy for preventing use and for treating high-consumption users – a concern for public health that has an impact on public safety. "This shows that we must connect the issues of public health and public safety."

Although users are no longer jailed in Brazil, Ms. Zaluar says there are marked social differences regarding who will be accused of trafficking or of using drugs. "After being arrested when caught in the act, the accused are sent to a custody hearing directed by a lay judge. Not having money for a good lawyer could interfere in the result. Recent studies show that 70% of the young people from the poor suburbs, who are considered to be traffickers and are sentenced to incarceration, reported their difficulty in being heard by judges," she revealed.

The main aspect for understanding violence, from this researcher's point of view, has to do with the standards of drug trafficking in Brazil, mainly based on armed territorial control, including inside the prisons. "Since the 1980s, I have studied the disputes between competing groups in the lucrative business of illegal drugs on the streets and in the prisons. For a person to be respected, he must show his willingness to kill. That perspective emphasizes the effects of the transnational trafficking of illegal drugs, which sometimes brings about fierce competition between traffickers, because of the high prices charged for drugs, and that inevitably leads to violence when debts are called in or control of the local market is pursued."

The anthropologist stressed that, in Brazil, there has been no change in the policies for the war on drugs, which continues to be ineffective. "Young people are incarcerated in institutions where they find organized groups that offer them a bit of security inside, as well as the sense of belonging to a group, on the outside."

***Terrorism and weapons –** Ms. Zaluar called attention to two new players in worldwide economy and politics that have been contributing to making the situation of violence even more complex: terrorism and organized crime. "Today, crime is a multinational, multi-use financial syndicate, identified as transnational organized crime (TOC). Besides the common activities of their illegal businesses, TOC now concentrates on the highly lucrative business of drug and arms trafficking. Within that network, conflict is resolved violently, with the use of weapons," she emphasized, mentioning the enormous worldwide problem of the proliferation of small and light arms.*

"The statistics refer to 640 million small and light arms in circulation worldwide, of which 20% to 40% are illegal. Within the Brazilian population, illegal arms are concentrated in neighborhoods where the poor live and murders are more frequent in the irregular war between criminal factions and incursions by armed police. I call it irregular, because there are no international legal codes, no formality for beginning or ending, no formal negotiation for bringing it to an end. Investigating the networks and the methods, including those used for money laundering, is an obligation of the State, in order to end the collateral damage of arms trafficking."

***Young black men –** According to the Atlas of Violence, prepared by the Institute of Applied Economic Research (IPEA) and by the Brazilian Forum on Public Safety, in 2017, in Brazil, 49,500 murders occurred of blacks and 16,000 non-blacks. That year, 35,783 young people were murdered in Brazil – a rate of 69.9 murders for every 100,000 people. Men were 94% of these. Murders were the cause of 51.8% of the deaths of young people from 15 to 19 years of age. Ms. Zaluar pointed out that, yes, there is a correlation between the murder rates and race, but it is merely a statistical correlation and not evidence of cause.*

"Murder is not directed at a specific race, but it affects poor young people who live in shanty towns or districts in which arms are easily available and where there is a deficient concept of citizenship related to social policies. It is more a lack of citizenship than of racism. Vulnerable is another name for a non-citizen, a person who is not listened to or even seen, who does not speak and who does not have participative power in subjects that involve government agents." ■

***Note:** With great regret we inform that Professor Alba Zaluar passed away on December 19, 2019.*

Precisa-se de **inimigos**

Tanto no Brasil contemporâneo como no Moçambique pós-independência, governo transforma oponentes em inimigos que precisam ser eliminados

AKABEI/ISTOCK

Dois países de língua portuguesa e passado colonial – Moçambique e Brasil – ocuparam o centro das discussões da sessão "Formas e atores de violência e radicalização de conflitos", atividade inicial do Painel 1 do 8º Diálogo *(veja quadro na página ao lado)*. A professora Esther Solano, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), falou sobre a relação entre a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da República e o aumento do ódio sociopolítico, da intolerância e da radicalização no Brasil. O professor Omar Ribeiro Thomaz, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), não pôde comparecer ao Diálogo, mas enviou o texto de sua palestra, que foi lido pelo professor Vitor Blotta. Nele, Thomaz enfocou os conflitos contemporâneos em Moçambique, no sudeste africano.

O preocupante ponto comum entre as abordagens é o exemplo daqueles que detêm o poder em ambas as nações e que, nas duas situações, acabam contribuindo para o aumento da radicalização, da violência, da suspeita e do ódio, tendo como estratégia política evidente a "construção" de um "inimigo", que precisa, portanto, ser eliminado, física ou metaforicamente.

O Brasil elegeu Jair Bolsonaro com quase 58 milhões de votos, mas outros 47 milhões de eleitores votaram no candidato da oposição e a soma de sufrágios em branco, nulos e abstenções somou 42 milhões. Solano destacou que Jair Bolsonaro construiu sua campanha e está construindo seu governo em torno de uma figura política central, a figura do "inimigo" – político ou social.

"Não se trata de um oponente ao governo; portanto, o argumento é muito claro: o que fazemos com o inimigo? Bem, podemos matar metaforicamente o inimigo, por exemplo pela imposição do silêncio, como a tentativa de censura de professores em universidades. Ou podemos matá-lo fisicamente, por exemplo, com o aumento da atividade letal da polícia na periferia do Rio de Janeiro. Mas a ideia central é que a estratégia política com base na construção da figura do inimigo contribui para o aumento da legitimação do ódio e da violência sociopolíticos", resumiu a cientista social.

Inimigos – Segundo Solano, no caso da estratégia do governo Bolsonaro, os "inimigos" estão divididos em dois grupos: o primeiro é mais clássico, a esquerda, o Partido dos Trabalhadores, e tudo o que poderia ser visto como comunista ou socialista. Nesse espectro político, para a pesquisadora, "estão todos sob o ataque ideológico que reza que seriam grupos corruptos, promotores de desordem e do comunismo. São vagabundos que teriam de ser silenciados".

Um outro grupo é formado por todos aqueles que estão fora do modelo tradicional, heteronormativo, patriarcal e branco. "Naturalmente, o 'inimigo público número 1' são os jovens negros. Mas é claro que o grupo se torna mais amplo

a cada dia, e hoje abrange as feministas, já que a retórica antifeminista no governo Bolsonaro é muito violenta, e as feministas seriam um grupo muito radical contra o qual se tem de lutar; o movimento e os grupos LGBT, que seriam obscenos demais para estar na esfera pública; os movimentos negros, porque os negros são criminosos e traficantes e por aí vai".

O recurso à figura do "inimigo" também foi útil em Moçambique, país que está, desde a independência de Portugal, em 1975, sob o governo de um mesmo partido: a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). "Durante o período da revolução, as elites da Frelimo transmitiram à população a ideia de um futuro baseado em um 'novo homem', mas também impuseram uma prática militar moldada pela desconfiança dos inimigos, que deveriam ser eliminados física ou espiritualmente. Para esse fim, foi criado um aparato repressivo e correcional, cuja expressão estrutural foram as fazendas comunitárias, transformadas em 'campos' de reeducação, prisionais e de trabalho coletivo", afirmou Thomaz.

Segundo ele, também foi criado gradualmente um aparato judicial que espalhou o alcance do Estado, restringindo o movimento dos indivíduos (por meio da emissão restritiva de passaportes internos, os "protocolos de viagem"), legalizando a pena de morte para os considerados traidores e revivendo a prática colonialista do açoitamento. Os cidadãos foram classificados em categorias, criando um clima de acusações e suspeitas que alimentou a convicção de que o inimigo poderia estar em qualquer lugar.

"Sobre as mulheres, pairava a obsessiva suspeita de prostituição; aqueles que haviam evitado as frentes de batalha enfrentavam a ameaça constante de serem identificados como alguém comprometido com o antigo sistema colonial; qualquer indivíduo visto como estranho ao seu entorno imediato podia ser acusado de vagabundo e, portanto, ser processado; aqueles que ousavam se apresentar como alternativa no meio desse processo, os dissidentes, foram classificados como traidores e reacionários", afirmou Thomaz, que esteve no país em 2013 e 2015.

Moçambique vive hoje, segundo Thomaz, o temor constante de uma outra guerra. "Grande parte do medo é motivada por esse Estado, uma estrutura ainda alienígena para a maioria da população, mas não apenas por ele. Mais de duas décadas após o fim da guerra civil, hostilidades recrudescentes entre grupos armados e o discurso político inflamatório de todos os lados recriam uma atmosfera de medo e tornam palpável a possibilidade de guerra aberta novamente. Em entrevistas, pude perceber com mais força do que nunca o medo dessa guerra iminente, explicada pela referência a uma miríade de guerras e conflitos passados. Existe uma convicção compartilhada de que as regras que sustentam a boa sociedade foram violadas".

Cristianização e militarização – No Brasil de hoje também é possível respirar boa dose de tensão. A professora Esther Solano chama a atenção para dois fenômenos que podem estar na raiz desse temor: a cristianização e a militarização da política. "Alguns dos mais conhecidos bispos pentecostais e neopentecostais do país apoiam Bolsonaro, aparentemente sem problema nenhum com a retórica do aumento da violência. E mais: tentam dar legitimação às políticas do governo com argumentos bíblicos e a 'palavra de Deus'".

Entretanto, de acordo com a professora, um bom número de eleitores de Bolsonaro está cansado da retórica de violência. "Divido os eleitores dele em dois grupos: os *hardcore*, que adoram o discurso de ódio e são em geral homens brancos; e os moderados, que votaram muito mais na ideia de uma nova política e contra a corrupção. Entre estes, muitos relataram que não gostam das atitudes de Bolsonaro, porque uma coisa é a campanha eleitoral, e outra é governar. Há muito desapontamento entre os moderados, incluindo evangélicos, que reagem negativamente a essa violência". ■

Painel 1

O primeiro dos dois painéis do 8º Diálogo abordou o tema "Compreendendo as radicalizações de conflitos e a violência: formas, atores e espaços" e teve a moderação do professor da Universidade de São Paulo (USP), Sérgio Adorno *(foto)*.

As outras duas sessões do Painel 1 foram "Violência estatal e não estatal e radicalização de conflitos" e "Espaços e tecnologias na violência e radicalização de conflitos". Ambas as sessões são abordadas nas páginas 34-35 *e* 38-39, a seguir.

FELIPE MAIROWSKI

Needed: enemies

Both in the contemporary Brazil and in post-independence Mozambique, the government transforms opponents into enemies that must be eliminated

FELIPE MAIROWSKI

Vitor Blotta, of the University of Campinas (Unicamp), Sérgio Adorno, of the University of São Paulo (USP), and Esther Solano, of the Federal University of São Paulo (Unifesp)

Two Portuguese-speaking countries having a colonial past – Mozambique and Brazil – took center stage in the discussions of the session "Forms and actors of violence and radicalization of conflicts", which was the initial activity of Panel 1 of the 8th Dialogue (see box on the opposite page). *Professor Esther Solano, of the Federal University of São Paulo (Unifesp), spoke about the relationship between the election of Jair Bolsonaro as President of the Republic and the increased sociopolitical hate, intolerance, and radicalization in Brazil. Professor Omar Ribeiro Thomaz, of the University of Campinas (Unicamp) was unable to attend the Dialogue, but sent his written presentation, which was read by Professor Vitor Blotta. Thomaz focused on the contemporary conflicts in Mozambique, in southeast Africa.*

The worrisome point held in common by the two approaches is the example of those who hold power in the two nations and that, in both situations, they end up contributing to increased radicalization, violence, suspicion, and hate, with the evident political strategy of "constructing" an "enemy", which, therefore, must be eliminated, either physically or metaphorically.

Brazil elected Jair Bolsonaro with nearly 58 million votes, but another 47 million voters cast their ballots for the opposition candidate, and the sum of blank, void, and abstentions, totaled 42 million. Ms. Solano pointed out that Jair Bolsonaro constructed his campaign, and is constructing his administration, on a central political figure, the figure of the "enemy" – political or social.

"This is not an opponent to the government; therefore, the argument rings loud and clear: what do we do with an enemy? We can metaphorically kill the enemy, for example, by imposing silence, such as the attempt to censure university professors. Or we can physically kill the enemy, with the increased lethal actions of the police in the outlying poor neighborhoods of Rio de Janeiro. But the central idea is that the political strategy based on the construction of the enemy figure contributes to increasing the legitimacy of hate and of sociopolitical violence," the social scientist summarized.

Enemies – *According to Ms. Solano, in the case of the strategy of the Bolsonaro administration, the "enemies" are divided into two groups. The first is the most classic: the left, The Workers Party, and everything that can be seen as*

Panel 1

The first of the two panel discussions of the 8th Dialogue dealt with the subject "Understanding the radicalizations of conflicts and violence: forms, actors and spaces" and was moderated by Professor Sérgio Adorno, of the University of São Paulo (USP).

The other two sessions of Panel 1 were "State and non-State violence and radicalization of conflicts" and "Spaces and Technologies of Violence and Radicalization of Conflicts." Both sessions are presented on the following pages 34-35 and 38-39.

communist or socialist. The researcher says that within this political spectrum "everyone is a victim of the ideological attack that argues that they belong to corrupt groups and foster disorder and communism. They are idlers that must be silenced."

Another group is formed by all those who are outside of the traditional model: heterogeneous, patriarchal, and white. "Naturally, black youth are 'public enemy number 1'. But it is clear that the group is growing day by day, and now includes feminists, since the anti-feminist rhetoric of Bolsonaro is quite violent, and feminists would be a very radical group that must be fought against; the LGBT movement and groups, which would be too obscene to be involved in the public sphere; the Black movements, because Blacks are criminals and traffickers, and so on."

Resorting to the figure of the "enemy" was also useful in Mozambique, a country that, since its independence in 1975, has been governed by the same political party: the Mozambique Liberation Front (Frelimo). "During the period of the revolution, the Frelimo elites communicated the idea to the population of a future based on a 'new man', but they also imposed a military practice molded by distrust of enemies, who should be eliminated physically or spiritually. To that end, a repressive and correctional regime was created, whose structural expression centered in community farms, transformed into redemption, prison, and collective work 'camps'," Thomaz stated.

According to him, judicial apparatuses were also gradually created, extending the reach of the State, restricting the movements of individuals (via the restrictive issuance of internal passports, the so-called "travel protocols"), legalizing the death penalty for those considered to be traitors, and reviving the colonial practice of flogging. Citizens were classified in categories, creating a climate of accusations and suspicion that fed the conviction that the enemy could be anywhere.

"As for women, hovering over them was an obsessive suspicion of prostitution. Those who had avoided going to the front lines of battle faced the constant threat of being identified as someone who had been compromised by the old colonial system. Any individual seen as foreign to the immediate surroundings could be accused of being an idler and, therefore, be prosecuted. Those who dared to present themselves as an alternative, in the midst of this process (dissidents), were classified as traitors and reactionaries," Thomaz stated, who was in the country in 2013 and 2015.

Mozambique, according to Thomaz, now lives in constant fear of another war. "A large part of the fear is motivated by the State, a structure that is still alien to a majority of the population, but not to the State itself. More than two decades after the end of the civil war, resurging hostilities between armed groups and the inflammatory political discourse coming from all sides recreate an atmosphere of fear and a palpable possibility of open war, once again. During interviews, I could sense more strongly than ever the fear of imminent war, explained by the reference to a myriad of past wars and conflicts. There is a common conviction that the rules that sustain good society have been violated."

***Christianization and militarization –** In Brazil, today, it is also possible to sense a good dose of tension. Professor Esther Solano calls attention to two phenomena that could be at the root of this fear: the Christianization and militarization of politics. "Some of the best-known Pentecostal and neo-Pentecostal Bishops of Brazil support Bolsonaro, apparently having no problem with rhetoric of increased violence. Furthermore, they attempt to legitimize the policies of the government with Biblical arguments from the 'word of God'".*

HoweverEntretanto, according to the Professor, a significant number of people who voted for Bolsonaro are tired of the rhetoric of violence. "I separate his voters into two groups: the hardcore, who love the hate discourse and are generally white men; and the moderates, who voted much more for the idea of a new political stance and against corruption. Among these, many have said they do not like Bolsonaro's attitudes, because it is one thing to use campaign rhetoric and another to actually govern. There is a lot of disappointment among the moderates, including evangelicals, who react negatively to violence." ■

Desigualdade e violência, de mãos dadas

Continente mais desigual do planeta, América Latina tem enorme população carcerária, mas as prisões acabam incentivando a formação de redes criminosas

A conexão entre violência e desigualdade na América Latina (AL), bem como o papel central do encarceramento e das prisões da região na formação de redes organizadas de crime, foram os destaques da segunda sessão do Painel 1: "Violência estatal e não estatal e radicalização de conflitos". Os palestrantes foram Camila Nunes Dias, professora da Universidade Federal do ABC (UFABC) e pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), e Markus-Michael Müller, da Freie Universität Berlin (FU Berlin).

Müller apresentou números reveladores da gravidade da violência na AL. Ele observou que na região vive apenas 8% da população do planeta, que, no entanto, responde por 33% de seus homicídios. Em apenas quatro de seus países – Brasil, Colômbia, México e Venezuela – ocorre um quarto de todos os assassinatos do globo. "Dos 20 países com as maiores taxas de homicídio, 17 são latino-americanos, e das 50 cidades em que mais se matam pessoas, 43 estão nesse continente", afirmou ele, com base em dados de 2018 do jornal *Washington Post*.

De acordo com o especialista, "apesar de a pobreza e a desigualdade terem diminuído, o Caribe e a América Latina permanecem as regiões mais desiguais do globo". Müller destacou a desigualdade de renda como um fator crucial para explicar a alta ocorrência de homicídios na região. "Nenhum outro fator explica as taxas de homicídios tão claramente quanto a desigualdade de renda", disse.

Ele chamou a atenção para os números da população prisional na AL. "A região tem uma população de 650 milhões de pessoas, e um em cada 270 latino-americanos está em prisões, muitos deles sem julgamento. Os níveis de prisões e detenções aumentaram substancialmente durante os últimos dez anos", disse Müller. "E os cidadãos que acabam em prisões são aqueles que estão nos últimos degraus da escada social".

A partir dos anos 2000, segundo o pesquisador da FU Berlin, diversos governos passaram a adotar medidas radicais contra o crime como providência para os problemas de segurança na América Latina. "Mesmo em governos que tinham iniciativas contra a desigualdade, como os do México e do Brasil, isso aconteceu. A insegurança é uma das principais preocupações dos latino-americanos, e os políticos capitalizam em cima disso".

O estudioso afirma que tal visão tem base no aparelho burocrático do Estado. "Os responsáveis pelas políticas de segurança são pessoas que trabalham nas agências governamentais, advogados etc. É muito complicado atrelar essa abordagem a um único político especificamente; ela

FELIPE MAIROWSKI

Camila Nunes Dias, da Universidade Federal do ABC (UFABC)

> *Nenhum outro fator explica as taxas de homicídios tão claramente quanto a desigualdade de renda.*

está disseminada na estrutura burocrático-administrativa de muitos governos latino-americanos. Não é algo da direita ou da esquerda. Há uma crença de que o aumento da punição é a melhor maneira de enfrentar os problemas de segurança na região".

O PCC e o terror – O aumento da punição implica mais pessoas encarceradas, o que superlota as prisões e cria um ambiente propício para a formação de redes criminosas que transcendem até mesmo países. É o caso do Primeiro Comando da Capital, o PCC, tema da socióloga Camila Nunes Dias. Em sua apresentação, focada no Estado de São Paulo e com base em um trabalho de mais de uma década sobre a extensão do PCC nas prisões paulistas, ela resumiu como os estabelecimentos penais produzem e fortalecem redes de criminosos.

Ela começou apresentando eventos-chave para a introdução do tema. "O primeiro foi a megarrebelião em São Paulo, ocorrida em 2001, que envolveu simultaneamente 30 prisões e 28 mil prisioneiros. O movimento não excedeu os muros das prisões, mas foi durante esse evento que a face do PCC, criado em 1993, apareceu para o público, por meio de faixas colocadas nas unidades rebeladas, que continham não somente o nome do grupo, como também seu número, 1533, e lema: paz, justiça e liberdade".

Nunes Dias destacou, tal e qual seu colega alemão, a explosão dos índices de encarceramento no Brasil: de 90 mil pessoas presas, em 1990, o país passou para 727 mil, em 2016. "O Brasil é o terceiro país que mais encarcera pessoas no mundo. E, conforme o número de encarcerados cresce, a superpopulação e a precariedade das prisões também aumentam".

O segundo evento elencado pela pesquisadora foram os chamados "ataques" de 2006, que tiveram novamente o Estado de São Paulo como palco. "Houve tumulto em mais de 70 prisões simultaneamente e, desta vez, a sociedade também foi afetada", lembrou Nunes Dias. "Policiais e agentes penitenciários foram alvos do movimento, assim como edifícios bancários, supermercados e delegacias de polícia. Veículos de transporte público foram incendiados. Além de armas de fogo, foram usadas bombas incendiárias e bombas caseiras".

Ela relembra que os ataques aconteceram não apenas na capital, mas em outras cidades do estado. "O PCC demonstrou uma enorme capacidade de agir coletivamente e os ataques serviram para mostrar que a organização tinha atingido hegemonia no sistema prisional".

Müller, que também falou um pouco sobre o PCC, ressaltou as discussões sobre os métodos da organização. "Para as agências de segurança, o que importa é como encarar as técnicas, táticas e os procedimentos que o grupo vem usando, e eles são típicos do terrorismo", enfatizou.

Irmandade – Nunes Dias afirmou que há algumas características da ação do PCC que o tornam diferente de outros grupos criminosos, entre elas os processos de filiação, a estrutura descentralizada e as decisões coletivas. "Cada novo membro, chamado de irmão, deve ser convidado por alguém que já faz parte da organização e que se tornará seu padrinho".

De acordo com ela, o termo "líder" não é mais utilizado e toda decisão importante é tomada coletivamente, num processo que eles chamam de "debates". "A descentralização permitiu ao PCC se expandir para fora de São Paulo, mantendo suas características originais", analisou a professora da UFABC que informou sobre mais uma vertente da atuação do grupo que faz aumentar seu poder e sua influência.

Ao estender seu controle sobre a quase totalidade do sistema prisional do Estado de São Paulo, o PCC começou a realizar atividades ilegais fora das prisões. "A mais importante é o tráfico de drogas, mas há outras, como roubos, por exemplo", citou Nunes Dias. "O PCC provê compras diversas e transporte para famílias pobres que visitam seus parentes presos. Com isso, ele se impõe, simultaneamente, como uma corte regulatória das relações sociais dentro e fora das prisões".

Na conclusão de sua análise, Nunes Dias observou que o PCC obteve êxito em estabelecer um entendimento comum, entre os presidiários, de que estavam vivendo algo tão injusto que valeria a pena transpor as diferenças individuais para prestarem apoio uns aos outros, definirem objetivos comuns e estratégias para alcançá-los. "Esse é o principal desafio que temos pela frente: o discurso político continua focado no encarceramento em massa como um meio de reduzir o crime e a violência, mas as prisões são justamente o problema". ■

FELIPE MAIROWSKI

Markus-Michael Müller, of the Freie Universität Berlin (FU Berlin)

Inequality and violence, hand in hand

As the planet's most unequal continent, Latin America has a huge prison population, but prisons end up fomenting the formation of criminal networks

The connection between violence and inequality in Latin America, as well as the central role of incarceration and prisons of the region in the formation of organized crime networks, were the highlights of the second session of Panel 1: "State and non-State violence and radicalization of conflicts." The presenters were Camila Nunes Dias, Professor of the Federal University of ABC (UFABC) and a collaborating researcher of the Center for Studies of Violence of the University of São Paulo (NEV-USP), and Markus-Michael Müller, of the Freie Universität Berlin (FU Berlin).

Müller presented figures revealing the seriousness of violence in Latin America. He noted that the region has only 8% of the Earth's population, but it accounts for 33% of the world's homicides. In just four of its countries – Brazil, Colombia, Mexico, and Venezuela – one fourth of all of the murders in the world take place. "Of the 20 countries with the highest homicide rates, 17 are Latin American, and of the 50 cities with the most murders, 43 are from this continent," he stated, based on data for 2018 of the Washington Post newspaper.

According to the expert, "despite the fact that poverty and inequality have diminished, the Caribbean and Latin America continue to be the most unequal regions on the planet." Müller pointed out the inequality of income as a crucial factor for explaining the region's high homicide rates. "No other factor explains the homicide rates as clearly as income inequality," he said.

He called attention to the prison population numbers in Latin America. "The region has a population of 650 million people, and one in every 270 Latin Americans is in prison, many of whom without trials. The levels of arrests and detentions have increased substantially over the last ten years," Müller says. "And the citizens who end up in prison are those who are at the lowest steps of the social ladder."

As of the first decade of the millennium, according to the researcher from FU Berlin, numerous governments began to adopt more radical

measures against crime as an answer to security problems in Latin America. "Even governments that had initiatives underway to combat inequality, like Mexico and Brazil, have seen this happen. Insecurity is one of the main concerns of Latin Americans, and politicians take advantage of that."

The scholar states that this viewpoint is based on the bureaucratic system of the State. "Those who are responsible for security policies are people who work in government agencies, lawyers, etc. It is very complicated to link this approach to one specific politician, because it spreads throughout the entire bureaucratic-administrative structure of many Latin American governments. This is not a right or left wing issue. There is a belief that increasing the punishment is the best way to confront security problems in the region."

The PCC and terror – *The increase in punishment implies more people being incarcerated, which overcrowds prisons and creates an enabling environment for the formation of criminal networks that extend even beyond country borders. That is the case of the First Capital Command (PCC), which is the subject dealt with by sociologist Camila Nunes Dias. In her presentation, focusing on the State of São Paulo and based on more than a decade of work regarding the extent of the PCC in São Paulo prisons, she summarized how penal institutions produce and strengthen criminal networks.*

She began by presenting key events, in her introduction to the subject. "The first was the mega-rebellion in São Paulo, in 2001, which simultaneously involved 30 prisons and 28,000 prisoners. The movement did not go beyond the prison walls, but it was during this event that the face of the PCC, founded in 1993, went public, through banners hung at the rebelling units, which had not only the name of the group, but also its number, 1533, and motto: peace, justice and liberty."

Like her German colleague, Nunes Dias highlighted the explosion of the incarceration indices in Brazil: from 90,000 people imprisoned in 1990, the country grew to having 727,000 in 2016. "Brazil ranks third in the world, in terms of incarceration. And, as the number of incarcerated people grows, the overcrowding and precarious conditions of prisons also increase."

The second event listed by the researcher were the so-called "attacks" of 2006, which, once again, had the State of São Paulo as their public stage. "There were riots in more than 70 prisons, simultaneously and, this time, society was also affected," Nunes Dias remembered. "Police and prison guards were the targets of the movement, as were bank buildings, supermarkets, and police precincts. Public transportation vehicles were set on fire. Besides fire arms, incendiary bombs and homemade bombs were used."

She remembers that the attacks occurred not only in the capital city, but in other cities around the State. "The PCC showed its huge capacity for acting in concert and the attacks served to demonstrate that the organization had achieved hegemony within the prison system."

Müller, who also spoke about the PCC, highlighted the discussions regarding the methods of the organization. "For security agencies, the important thing is how to deal with the techniques, tactics and procedures the group has been using, which are typically used by terrorism," he stressed.

Brotherhood – *Nunes Dias stated that there are several characteristics of the actions of the PCC that make it different from other criminal groups, such as the affiliation processes, a decentralized structure, and collective decision-making, for instance. "Each new member, who is called a brother, must be invited by someone who is already a part of the organization and who will be his sponsor."*

According to her, the term "leader" is no longer used and all important decisions are made collectively, in a process that they call "debates". "Decentralization allowed the PCC to expand outside of the state of São Paulo, while maintaining its original characteristics," said the UFABC Professor.

By extending its control over nearly the entire prison system of the State of São Paulo, the PCC began to perform illegal activities outside of the prisons. "The most important is drug trafficking, but there are others, like robberies, for example," Nunes Dias said, informing about one more field of involvement that makes the group expand its power and influence. "The PCC provides purchases and transportation for poor families who visit their relatives in prison. Thus, it sets the organization up, simultaneously as a regulatory court for social relations inside and outside the prisons."

At the conclusion of her analysis, Nunes Dias noted that the PCC was successful in establishing a common understanding among the prisoners that since they were living in such an unjust situation it was worth it to set aside individual differences, in order to provide support to each other, while defining common objectives and strategies for achieving them. "This is the main challenge we have before us: political discourse continues to focus on mass incarceration as a means of reducing crime and violence, but the prisons are actually the problem." ■

No mundo concreto e no virtual

Estudos indicam que fatores distintos, como uso da terra e redes sociais, influenciam na radicalização de conflitos nas sociedades ao redor do mundo

Um dos temas discutidos na sessão "Espaços e tecnologias na violência e radicalização de conflitos" foi a segurança alimentar em regiões de conflito, a partir de pesquisas realizadas por Stefan Sieber, do Leibniz Centre for Agricultural Landscape Research (ZALF). Ele falou sobre estratégias para melhorar o acesso a alimentos em um mundo globalizado, considerando questões como disputas pelo uso da terra. Participou também da sessão Daniela Osvald Ramos, professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), que abordou o tema da violência nas redes sociais.

Com base nas atuais condições internacionais, Sieber, que estuda aspectos da agricultura sustentável e trabalha com o tema da governança no uso da terra, apresentou dados que desafiam políticos e gestores em diferentes países. Da produção agrícola mundial, 62% é destinada à alimentação humana, mas, dos cerca de cinco bilhões de hectares agricultáveis no mundo, pouco é efetivamente usado para plantio.

Sieber observou que, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) para Alimentação e Agricultura (FAO), só existe segurança alimentar quando todas as pessoas têm acesso físico e econômico a alimentos suficientes, seguros e nutritivos, que atendam às suas necessidades para uma vida saudável. Mas, enfatizou, "nos países em desenvolvimento há dificuldades para se equacionar a quantidade e qualidade do que é cultivado".

Para o pesquisador, mesmo com uma produção crescente de alimentos, há graves situações de insegurança alimentar, decorrentes, entre outros fatores, de guerras e conflitos pelo uso da terra, políticas dos governos e desequilíbrios em sistemas de comércio. De acordo com ele, esses conflitos causam uma reação em cadeia, na qual os mais pobres acabam sofrendo mais. "Há conflitos regionais que necessitam de soluções econômicas viáveis para não impedirem o acesso ao plantio e comercialização de alimentos. No mundo, 190 milhões de pessoas sofrem com privação à alimentação devido a conflitos por territórios e, no caso das crianças, as desvantagens adquiridas são para toda a vida".

> *No mundo, 190 milhões de pessoas sofrem com privação à alimentação devido a conflitos por territórios.*

FELIPE MAIROWSKI

Stefan Sieber, do Leibniz Centre for Agriculture Landscape Research

Ao lado desses conflitos, outro fator determinante apontado por Sieber são as mudanças climáticas globais, sobretudo as secas em regiões com pouca infraestrutura. Conforme seus estudos, 80% das pessoas que passam fome hoje no mundo estão em regiões pobres. "O crescimento populacional e as mudanças climáticas aumentam os riscos para os países emergentes, que têm mais problemas para usar a terra e seus recursos, ocasionando ainda uma migração relacionada a essas questões", afirmou, destacando ser urgente melhorar localmente a disponibilidade e a qualidade dos alimentos, bem como mitigar os potenciais efeitos negativos do comércio global.

Ele destacou que, em todo o mundo, cerca de 20% da produção de alimentos é feita em grande escala, por grandes produtores. "Uma área do tamanho da Espanha pertence a grandes produtores, gerando problemas de reassentamento e conflitos, visto que 80% da produção mundial tem origem na agricultura familiar".

Segundo Sieber, em diferentes países, esses conflitos são permeados por questões legais, regulamentares e de corrupção, e mesmo na Europa, onde há amplo desenvolvimento e alta produção e consumo de alimentos, ainda há fome. "O preço dos insumos aumenta por causa de conflitos e custos de produção, e se os mais pobres tiverem que aumentar seus gastos com alimentação, haverá agravamento desses problemas".

Para ele, esses fatores só podem ser mitigados se houver integração global de todas as ações visando soluções que combinem transferência de tecnologia, inovação, atenção às demandas e à legislação. "Se houver políticas públicas, haverá abordagens adequadas. Se as pessoas souberem que fazem parte de um projeto, haverá mais chances de planos de coleta de água pluvial, educação complementar ou agricultura coletiva serem bem-sucedidos. Se houver estratégia para elevar a produtividade, haverá grande impacto na segurança alimentar em todo o mundo".

Violência on-line – Na mesma sessão, a professora da ECA-USP Daniela Osvald Ramos, também pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), abordou o tema da violência nas redes sociais. Segundo ela, o uso da internet para ataques on-line é um tema que vem ganhando destaque nos últimos anos no país, mais especificamente a partir de 2013, com um nítido aumento da violência contra os profissionais da informação.

"Esse contexto tem se tornado mais complexo desde as manifestações ocorridas naquele ano no Brasil, quando foi possível observar o início de uma fragmentação a partir do surgimento de grupos na internet". Ainda em andamento, a pesquisa mostra que esses grupos atuam nas redes sociais para espalhar informações em um ritmo acelerado, sem checagem de fontes, acabando por disseminar um fenômeno conhecido por fake news.

Desde aquele período e com o uso de tecnologias digitais, robôs foram programados para atacar indivíduos com base em plataformas de mídia dotadas de grande capacidade para disseminar a violência, algo difícil de ser tipificado, diferentemente de outros crimes cometidos on-line, como roubo de dados. Segundo a pesquisadora, o uso de robôs pode ser identificado pelo comportamento randômico, que é diferente do comportamento humano.

No estudo, ela observou que esses grupos não seguiam métodos jornalísticos, que entre outros fatores consistem na checagem de fontes e informações. Ao contrário, as ações analisadas por ela consistiam na mobilização de pessoas para espalhar notícias falsas. "Valendo-se do fato de que a maior parte da população consome informações via mídias sociais, esses grupos tiveram papel importante na polarização política e no agravamento da crise de relações sociais pela qual o Brasil passa atualmente".

O fenômeno observado no Brasil acontece em todo o mundo, mas apresenta aspectos particulares, dependendo do nível de confiança das pessoas nas instituições nacionais. Em um período conturbado no país, Ramos buscou entender o que aconteceu especificamente a jornalistas atacados nas redes sociais.

Ela destaca que, durante o último ano eleitoral brasileiro, plataformas digitais como YouTube, Twitter, Facebook e WhatsApp amplificaram-se como canais de disseminação de uma arena cada vez mais polarizada. O pico dos conflitos digitais ocorreu nas eleições de 2018 e gerou um desequilíbrio na relação entre público e fontes de informação. Já os ataques a jornalistas teriam como origem a extrema direita.

"A violência contra jornalistas é uma violação tripla, pois afeta seus direitos individuais e a liberdade de sua prática profissional, os direitos de visibilidade de fatos e eventos relatados e até mesmo os direitos do público a ser corretamente informado". Para ela, esse procedimento causaria um efeito psicológico grave sobre jornalistas, intimidados no exercício da imparcialidade profissional, revelando que espaços polarizados são também mais fechados ao diálogo.

Os dados corroborariam números oficiais que mostram picos de homicídios contra jornalistas entre 2011 e 2016, além de aumento nos casos de assédio e agressão relacionados à política e a questões trabalhistas e étnicas, ressaltando que a polarização on-line estaria comprometendo não apenas a prática do jornalismo, mas as relações sociais. ■

FELIPE MAIROWSKI

Daniela Osvald Ramos, of the University of São Paulo (USP)

The concrete and virtual worlds

Studies indicate that distinct factors, such as land use and the social networks, influence the radicalization of conflicts in societies, worldwide

One of the subjects discussed in the session "Spaces and technologies in violence and the radicalization of conflicts" was food safety in regions suffering from conflict, based on studies performed by Stefan Sieber, of the Leibniz Centre for Agriculture Landscape Research. He spoke about strategies for improving access to food in a globalized world, considering such issues as disputes over land use. Also participating in the session was Daniela Osvald Ramos, professor in the School of Communications and Arts of the University of São Paulo (ECA-USP), who dealt with the subject of violence on the social networks.

Based on current international conditions, Sieber, who studies aspects of sustainable agriculture and is working on the subject of governance in land use, presented data that challenge politicians and administrators in different countries. In terms of worldwide agricultural production, 62% is destined for human consumption, but, of the world's approximately five billion cultivatable hectares, relatively little is used for planting crops.

Sieber noted that, according to the United Nations Food and Agriculture Organization (FAO), food safety exists only when all people have physical and economic access to enough, safe, and nutritious food that meets their needs for a healthy life. But he emphasized that "developing countries have difficulties with equating the quantity and quality of what is being cultivated."

For the researcher, even with a growing production of food, there are serious situations of insecurity regarding food, which arise, among other factors, from wars and conflicts over land use, government policies, and unbalanced trade and commerce systems. As he sees it, those conflicts cause a chain reaction, in which the poorest end up suffering most. "There are regional conflicts that need viable economic solutions, in order to not block access to planting and commercializing food. Worldwide,

190 million people suffer from food deprivation caused by conflicts over lands and, in the case of children, the acquired disadvantages stay with them for a lifetime."

Along with these conflicts, another determining factor pointed out by Sieber is global climate change, especially the droughts in regions that have little infrastructure. According to his studies, 80% of today's people who suffer from hunger, worldwide, live in poor regions. "Growing populations and climate change increase the risk for emerging countries that have more problems with land and resource use, which also cause migrations due to those issues," he stated, emphasizing how urgent it is to locally improve the availability and quality of food, as well as how to mitigate the potential negative effects of global trade.

He stressed that, throughout the world, some 20% of food production is done on a large scale by big producers. "An area the size of Spain belongs to large producers, creating problems of resettlement and conflicts, since 80% of the world's production comes from family farming."

According to Sieber, in different countries, these conflicts are permeated by legal, regulatory, and corruption issues, and even in Europe, where development is widespread and there is a high level of production and consumption of food, hunger still exists. "The price of supplies and materials increases, because of conflicts and production costs, and if the poor must increase their spending on food, the problems will surely worsen."

In his opinion, these factors can only be mitigated if there is a global integration of all the actions focusing on solutions that combine technology transfer, innovation, and attention to demands, as well as to legislation. "If there are public policies, the approaches taken will be adequate. If the people know that they are part of a project, there will be more chances of planning for collecting rainwater, for complimentary education, or collective farming to be successful. If there is a strategy for increasing production, it will have a big impact on food safety across the world."

***Online violence –** In the same session, Professor Daniela Osvald Ramos, of ECA-USP, who is also a researcher of the Center for Study of Violence of the University of São Paulo (NEV-USP), dealt with the subject of violence on the social networks. According to her, the use of the internet for online attacks is a subject that has gained much attention in Brazil in recent years, more specifically since 2013, with the clearly obvious increase in violence against information professionals.*

"This context has become more complex after the manifestations that occurred during that year in Brazil, when it was possible to observe the beginning of fragmentation, as groups appeared on the internet." The study is still ongoing and shows that these groups are involved in the social networks, in order to spread information at an accelerated pace, without checking their sources, and they end up publishing what is known as fake news.

Since that time, and with the use of digital technologies, robots have been programmed to attack and bully individuals based on high-capacity media platforms for spreading violence, which is hard to typify, different from other crimes committed online, like data theft. Ms. Ramos says that the use of robots can be identified by their random behavior, which is different from human behavior.

In the study, she observed that these groups do not follow journalistic methods, which, among other factors, consist of checking sources and information. Instead, the actions she analyzed consisted of mobilizing people to spread fake news. "Taking advantage of the fact that most people consume information via social media, these groups have played an important role in political polarization and in worsening social relations, which Brazil is currently experiencing."

The phenomenon observed in Brazil is also found around the world, but it presents specific aspects, depending on the level of trust people have in national institutions. During a troubled period in Brazil, Ramos attempted to understand what specifically happened to journalists attacked on the social networks.

She pointed out that during the last Brazilian election year, digital platforms, like YouTube, Twitter, Facebook, and WhatsApp, expanded into channels for dissemination in an increasingly polarized arena. The peak of the digital conflicts occurred during the 2018 elections and generated an imbalance between the public and sources of information. The attacks on journalists seemed to originate with the extreme right wing.

"Violence against journalists has a triple effect, because it affects their individual rights and the freedom of their professional practices, the rights to visibility of related facts and events, and even the rights of the public to be correctly informed." In her opinion, this conduct would cause a serious psychological effect on journalists, who are intimidated during the impartial exercise of their profession, revealing that polarized spaces are also more closed to dialogue.

The data corroborated the official figures that show peaks of homicides against journalists between 2011 and 2016, as well as an increase in the cases of harassment and aggression related to politics, labor and ethics issues, while emphasizing that online polarization was compromising not only the practice of journalism, but also social relations. ■

FERNANDO PODOLSKI/ISTOCK

Governança, regulamentação e estabilidade

Mais do que relevante, a necessidade de equilibrar forças políticas é urgente para estabilizar sociedades no Brasil e no mundo

Para dar um panorama das transformações ocorridas nos direitos humanos nas últimas duas décadas no Brasil, o cientista político Frederico de Almeida, pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Política e Criminologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fez uma descrição das políticas criminais que vêm sendo implementadas nos últimos anos no Brasil. Já a alemã Brigitte Weiffen, professora da Cátedra Martius de Estudos Alemães e Europeus da Universidade de São Paulo (USP), falou sobre aspectos que demonstram o quanto a violência está ligada a instabilidades político-institucionais dos países. Almeida e Weiffen participaram da sessão "Governança e regulamentação", que abriu o Painel 2 do 8º Diálogo *(veja o quadro na página ao lado).*

Almeida, de início, considerou que o processo de construção de políticas públicas no Brasil passa pelo protagonismo alcançado pelos direitos humanos nas gestões federais entre 1995 e 2015, comandadas pelos principais partidos políticos brasileiros (PSDB e PT), em contraponto à agenda conservadora atualmente em voga no país.

Segundo o pesquisador, mesmo com as diferenças entre as respectivas gestões federais, prevaleceram no período convergências e continuidade nas políticas criminais e de direitos humanos, comprovadas por estudos sobre os efeitos dessas políticas e seus impactos na legislação criminal brasileira.

Contudo, para compreendê-las seria preciso entender o contexto da transição do regime autoritário (1964-1985) para o democrático e as marcas conservadoras e liberais na política brasileira. Para isso, ele identificou agendas, atores e ações entre os espectros políticos do país, o que explicaria, ao menos em parte, o contexto em que tais políticas têm sido gestadas.

No espectro do centro, Almeida identificou respeito por direitos humanos e garantias fundamentais, discurso por modernização institucional, descriminalização de atos menos perigosos e eficiência contra crimes graves. "Essa agenda foi encampada pelos partidos que governaram o país nesse período, pelo Superior Tribunal Federal (STF), que criou uma jurisprudência progressiva, por ativistas, intelectuais e alas progressistas do direito", com atuação direcionada à criação de planos de segurança pública, sanções alternativas, reformas processuais e judiciais.

A agenda da direita estaria baseada na crítica ao baixo controle do Estado na segurança pública e na criação de penalidades como a pena de morte. "É uma agenda conduzida por políticos que visam a uma legislação criminal, apoiados por alas mais conservadoras entre eleitores, forças policiais, juízes, promotores e advogados, que muitas vezes desenvolvem práticas violentas e ilegais, além da mídia sensacionalista, que atua na disseminação de insegurança e pânico na sociedade".

Já na agenda político-social da esquerda, o pesquisador identificou respeito pelos direitos humanos, com discussão sobre alternativas à prisão, incluindo abolicionismo criminal e resolução pacífica de conflitos. "As ações nesse espectro

FELIPE MAIROWSKI

são conduzidas por políticos, intelectuais, criminologistas legais, ativistas sociais e defensores dos direitos humanos, baseando-se sobretudo na crítica teórica aos modelos vigentes".

Em meio a impedimentos burocráticos e pressões políticas, no período analisado, conforme Almeida, houve demandas punitivas por parte de movimentos sociais de crimes raciais e sexuais, mas também resistência para a implementação dessas políticas por parte das polícias, do Judiciário e instituições mais conservadoras.

A falta de equilíbrio identificada por ele entre essas correntes teria levado a um desgaste político das forças de centro-esquerda e a um protagonismo de forças mais conservadoras, criando espaço para o surgimento de novos atores, com discursos que mobilizaram as chamadas "bancadas da bala, da bíblia e do boi", dando destaque para essa agenda na cena política brasileira.

"Localizada na extrema direita, essa agenda está focada em políticas criminais a partir de cruzadas judiciais e morais, reforçadas por um discurso antissistema e contra a corrupção". Para o pesquisador, esse ultraconservadorismo tende a pressionar instâncias como o STF por medidas punitivas, mesmo que tais medidas infrinjam a lei. Isso incluiria reformas com base no lobby criado por operações policiais, além do reforço de práticas arbitrárias, sobretudo contra os mais pobres.

"Mesmo tendo um discurso baseado na justiça igual para todos, na prática isso não se aplica, pois seus métodos são arbitrários", avaliou. Para o pesquisador, considerando-se o estado atual das políticas de direitos humanos, o país precisaria reconstruir um centro ideológico em contraposição à ideologia da extrema direita, que tende a minar o poder institucional, recursos financeiros, procedimentos e garantias legais.

Painel 2

O Painel 2 do Diálogo abordou o tema "Estratégias de prevenção e desradicalização da violência: governança, educação e cultura". Seu moderador foi o professor Vitor Blotta *(foto)*, da Universidade de São Paulo (USP). "Educação e cultura" e "Ciência e pesquisa" foram os temas das sessões seguintes *(veja páginas 46-47 e 50-51)*.

Conflitos internacionais – Assim como no Brasil, a violência política é perpetrada por ações ou agentes do Estado em diversos países, muitas vezes com prerrogativas legalmente contestáveis. Brigitte Weiffen, professora visitante da USP, falou na mesma sessão sobre aspectos que demonstram o quanto a violência está ligada à instabilidade político-institucional.

"A ideia da democracia é resolver problemas políticos sem uso de violência, mas quando um grupo não aceita resultados de eleição, por exemplo, a violência acaba se voltando contra o processo democrático", disse, ressaltando que, nesses casos, as respostas institucionais precisam ser rápidas e contundentes, a fim de evitar fragilização ou ruptura do sistema político, muitas vezes difíceis de serem revertidas.

Em países em situações de crise, organizações internacionais buscam encontrar mecanismos diplomáticos para resolver tais questões, como a "justiça de transição", recurso usado na América Latina e em regiões da Europa, que consiste em impedir repressões antidemocráticas, buscando estabelecer regras legais, negociação com elites, mecanismos de reparo e controle, incluindo acompanhamento de órgãos internacionais, dependendo da gravidade da situação.

"A noção de justiça de transição compreende a gama de mecanismos associados às tentativas de uma sociedade aceitar um legado de abusos do passado em larga escala, a fim de garantir prestação de contas, justiça e reconciliação", o que pode incluir mecanismos judiciais e não judiciais, com níveis diferentes de envolvimento internacional, reparações, busca da verdade e reformas institucionais.

Segundo Weiffen, em situações de transição de guerra para paz, os atores negociam domesticamente, dependendo dos grupos no poder, mas determinados grupos podem lançar mão de técnicas opressivas e atrozes, o que exige interferência de órgãos internacionais, seja da ONU ou de ONGs. "Em casos graves, envolvendo genocídio, crimes de guerra e contra a humanidade, o Tribunal Penal Internacional (ICC de acordo com o nome em inglês) pode ser acionado".

Citando casos de investigação preliminar conduzidas pelo Tribunal e situações de violência eleitoral, ela enfatizou que situações de violência política apresentam sempre objetivos conflitantes, nem sempre conciliáveis. Para a pesquisadora, a justiça transnacional é parte de um pacote de pacificação que ajuda a mapear a situação, mas é difícil decidir quais casos envolvem violência política.

"Por vezes há resistência doméstica à interferência de atores internacionais e à legitimidade dessa interferência. Os atores podem ajudar a resolver questões, mas há questionamentos sobre investigações meramente simbólicas ou parciais". Ainda assim, Weiffen enfatizou que a justiça pós-transicional, representada por comissões da verdade, deve atuar sempre para que a violência em questão não se repita. ■

Governance, regulation **and stability**

The need to balance political forces is more than relevant, it is urgent for stabilizing societies in Brazil and the world

In giving a panoramic view of the transformations that have occurred regarding human rights issues over the last two decades in Brazil, political scientist Frederico de Almeida, a researcher at the Laboratory of Studies on Politics and Criminology of the University of Campinas (Unicamp), described the criminal policies that have been implemented in recent years in the country. Germany's Brigitte Weiffen, Professor of the Marius Chair of German and European Studies of the University of São Paulo (USP), spoke about the aspects that demonstrate how much violence is connected with the political-institutional instability of the countries. Almeida and Weiffen took part in the session "Governance and Regulation", which opened Panel 2 of the 8th Dialogue (see box on opposite page).

Almeida began by stating that the process of constructing public policies in Brazil came through the advocacy voice achieved by human rights movements during Federal administrations from 1995 to 2015, under the command of the main Brazilian political parties (PSDB and PT) at that time, in contrast to the conservative agenda currently in vogue in the country.

According to the researcher, even with the differences between the respective Federal administrations, convergence and continuity prevailed during the period, in terms of criminal and human rights policies, proven by studies regarding the effects of those policies and their impacts on Brazilian criminal legislation.

However, to be able to understand them, one needs to understand the context of the transition from an authoritarian regime (1964-1985) to a democracy and the conservative and liberal marks on Brazilian politics. To that end, he identified agendas, players, and actions among the country's political spectrum, which would explain, at least in part, the context in which those policies have been administrated.

In the central sphere, Almeida identified respect for human rights and basic guarantees, an institutional modernization discourse, decriminalization of less dangerous acts, and efficient action against serious crimes. "This agenda was taken over by the parties that ruled the country during that period, by the Federal Superior Court (STF) – which created a progressive jurisprudence, by activists, intellectuals, and the progressive right wing," with action focused on creating plans for public safety, alternative sanctions, and procedural and judicial reforms.

The right wing agenda was based on criticism of the low level of control of the State regarding public safety and on the creation of punishments, like the death penalty. "It is an agenda led by politicians focusing on criminal legislation, backed by more conservative groups among voters, police forces, judges, prosecutors, and lawyers, who often develop violent and illegal practices, besides the sensationalist media, which works to spread insecurity and panic in society."

As for the social-political agenda of the left, the researcher identified respect for human rights, with discussions regarding alternatives to imprisonment, including criminal abolitionism and the peaceful resolution of conflicts. "The actions in this sphere are carried out by politicians, intellectuals, legal criminologists, social activists and human rights defenders, based mainly on theoretical criticism of current models."

In the midst of bureaucratic impediments and political pressures brought to bear during the period that was analyzed by Almeida, he found punitive demands on the part of social movements for typifying racial and sexual crimes, but also resistance to the implementation of those policies on the part of the police, the Judiciary, and more conservative institutions.

The lack of balance he noted between those schools of thought would have led to the political erosion of the center-left and to the rise of more conservative forces, thus creating space for new players to appear with discourses that mobilized the so-called "bullets, Bible and beef parties", who were taking their agenda to the center of the Brazilian political stage.

"Located on the far right, this agenda is focused on criminal policies, based on judicial and moral crusades, reinforced by an anti-system and anti-corruption discourse." According to Almeida, this ultra-conservatism tends to pressure the courts, like the Federal Supreme Court (STF), to provide punitive measures, even if those measures infringe on the law. That would include reforms based on lobbying created by police operations, as well as reinforcing arbitrary practices, especially against the poor.

"Even though the discourse is founded on equal justice for all, that does not apply in practice, because the methods are arbitrary," he evaluated. He believes that, in light of the current state of human rights policies, the country would need to reconstruct an ideological center contrasting with

Brigitte Weiffen, of the Marius Chair of German and European Studies of the University of São Paulo (USP)

Frederico de Almeida, of the University of Campinas (Unicamp)

FOTOS FELIPE MAIROWSKI

the ideology of the far right, which tends to undermine institutional powers, financial resources, procedures, and legal guarantees.

International conflicts – *Like what occurs in Brazil, political violence is perpetrated by actions or agents of the State in a number of countries, often according to legally contestable prerogatives. Brigitte Weiffen, a visiting professor at USP, spoke during the same session on aspects that show how closely violence is linked to political-institutional instability.*

"The idea of democracy is to resolve political problems without resorting to violence, but when a group does not accept the results of an election, for example, violence ends up working against the democratic process," she said, while stressing that, in these cases, the institutional responses must be quick and decisive, in order to avoid weakening or disrupting the political system, which is often difficult to reverse.

In countries facing crisis situations, international organizations seek to find diplomatic mechanisms for resolving those issues, like "transitional justice", which is a resource used in Latin America and in certain regions of Europe, comprised of the prevention of anti-democratic repression, the pursuit of establishing legal rules, negotiations with elites, mechanisms of repair and control, including monitoring by international organizations, depending on the seriousness of the situation.

"The concept of transitional justice takes in the whole range of mechanisms associated with the attempts of a society to accept a legacy of past, large-scale abuse, in order to guarantee accountability, justice, and reconciliation," which could include judicial and non-judicial mechanisms, with different levels of international involvement, truth seeking, and institutional reforms.

According to Ms. Weiffen, in transitional situations from war to peace, the players negotiate domestically, depending on the groups that are in power, but certain groups could take up oppressive and heinous techniques, which would require the interference of international organs, whether the UN or NGOs. "In serious cases, involving genocide, war crimes, and crimes against humanity, the International Criminal Court (ICC) could be called into action."

Citing cases of preliminary investigations conducted by the Court and situations of election violence, she emphasized that cases of political violence consistently present conflicting objectives, and they are not always reconcilable. In her view, transnational justice is part of a pacification package that helps map out the situation, but it is difficult to decide which cases involve political violence.

"Sometimes there is domestic resistance to the interference of international players and to the legitimacy of that interference. The players might be able to help resolve issues, but there are questions regarding investigations that are seen as merely symbolic or partial." Nevertheless, Weiffen emphasized that post-transitional justice, represented by truth committees, must always be involved so that the violence in question is not repeated. ■

Panel 2

Panel 2 of the Dialogue dealt with the subject "Strategies for prevention and deradicalization of violence: governance, education and culture". The moderator was Professor Vitor Blotta, of the University of São Paulo (USP). "Education and culture" and "Science and research" were the subjects of the following sessions (see pages 46-47 and 50-51).

Reminiscências **vivas**

Diretor da Casa do Wannsee, em Berlim, explica por que as memórias do período nazista precisam estar sempre presentes na manutenção das relações sociais na Alemanha

Em janeiro de 1942, um casarão no subúrbio berlinense de Wannsee foi usado para uma reunião de líderes do governo nazista alemão e de membros da SS (Schutzstaffel) – a organização paramilitar de Adolf Hitler criada, entre outros fins, para eliminar grupos étnicos minoritários e militantes comunistas e socialistas. Nesse encontro foram discutidos os rumos da política de extermínio conduzida pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Conhecida como Conferência de Wannsee, a reunião marcou a história do lugar que, apesar da devastação de Berlim, acabou preservado durante a guerra e foi escolhido, após a reunificação alemã, em 1990, para sediar o Centro de Memória e Educação Casa da Conferência de Wannsee. O GHWK, na sigla em alemão, foi inaugurado um memorial do Holocausto e museu em 20 de janeiro de 1992, no 50º aniversário da conferência.

Na sessão dedicada à educação e à cultura, o atual diretor do GHWK, Hans-Christian Jasch, falou sobre como a instituição funciona hoje, quase oito décadas após a fatídica reunião.

O lugar recebe em torno de 120 mil visitantes por ano, inclusive inúmeros pesquisadores, e oferece acesso a dados, informações e documentos sobre práticas do período nazista, subsídios essenciais para pesquisas e para a permanente reflexão sobre as relações político-sociais no país.

O local preserva e dá acesso a uma série de documentos históricos, como uma lista com 11 milhões de pessoas que deveriam ser levadas da Europa Central para o Leste Europeu para serem exterminadas. Segundo Jasch, ainda hoje há críticas ao Tribunal Militar Internacional, que após o fim da guerra não teria abordado o caso devidamente, já que a conferência é lembrada como o evento no qual a cúpula do nazismo tomou a decisão sobre o que o governo alemão faria com os judeus.

"Quando observamos os criminosos de guerra alemães, identificamos diferentes perfis. Muitos são identificados por historiadores como representantes típicos da juventude que não participou da Primeira Guerra Mundial, mas que acabou tendo papel importante na radicalização que levou à ascensão do nazismo", observou.

O diretor lembrou ainda que o governo nazista, ao radicalizar a segurança doméstica, reforçou o extremismo e institucionalizou o combate a questões que considerava contrárias às suas convicções, como o comunismo e a hegemonia financeira dos judeus, causando ainda desvalorização da moeda, diminuição do poder de compra e descontrole da inflação, o que levou a tradicional burguesia alemã, que em parte apoiava o regime, a uma enorme pobreza.

Segundo ele, a experiência formativa adotada pelo Centro busca abordar sem tabus esse período de radicalização, baseando-se em documentos, tentando absorver fatos terríveis da vida do país e contribuir para que a história seja narrada inúmeras vezes, a cada geração. "Há controvérsia e há direito à controvérsia. Mas com base na biografia dos criminosos de guerra, entre outros documentos e fatores, realizamos uma desconstrução da ideologia que marcou profundamente a história alemã e que nos obriga todos os dias a descobrir formas de lidar com o passado. É um conhecimento reflexivo que está vinculado ao presente".

Narrativas e representações – A instituição dirigida por Jasch apresenta uma narrativa sobre um processo bastante complexo, que envolve questões anteriores à radicalização da política alemã durante o nazismo, buscando medir seu impacto, além de identificar o percurso que levou à violência extrema e seus diferentes significados. "Nesse local foram concebidos assassinatos em massa e, por isso, ele tem uma importância simbólica, na qual a Conferência de Wannsee ocupa um lugar central".

Para Jasch, contudo, é preciso ter extremo cuidado para tratar de temas históricos complexos, pois a relevância de determinados fatos exige um conhecimento profundo da história. Esse rigor, segundo ele, é o que permite que as sociedades tenham elementos suficientes para poder analisar e questionar as administrações públicas, de modo permanente e sob diferentes aspectos, inclusive na atualidade.

"Os trabalhos de preservação e investigação da memória fornecem subsídios para discutir essas questões, e

FELIPE MAIROWSKI

Hans-Christian Jasch, do Centro de Memória e Educação Casa da Conferência de Wannsee (GHWK)

pesquisas regulares de opinião, como as que fazemos com o público, ajudam a monitorar possíveis polarizações e auxiliam no processo de educação cívica, que na Alemanha está ligada a questões imprescindíveis".

Ele explica que, apesar de obrigatório na Alemanha, o tema do Holocausto pode gerar fadiga nos visitantes. Apesar disso, acredita ser preciso elevar o nível de conhecimento sobre os criminosos nazistas e sobre questões da administração do Holocausto, que, conforme disse, praticamente sumiram da memória na Alemanha. "É preciso alimentar a memória e aumentar o interesse das pessoas pelo assunto por meio de biografias. Há um grande debate se o Holocausto deveria ser estudado como algo mundial ou geograficamente localizado. Mas os casos de comportamentos neonazistas ao redor do mundo reforçam a ideia de que é algo que pode acontecer em qualquer parte, a qualquer momento", observou.

Jasch ressaltou ainda ser esse o motivo de o GHWK mostrar aos visitantes o mecanismo usado pelos atuais extremistas de direita na construção de seu discurso, quando tentam, por exemplo, passar a ideia de que a imigração pode fazer a Alemanha perder sua identidade étnica.

"Quando falamos sobre radicalização de ultraconservadores, os chamados extremistas de direita, falamos de pessoas que não querem estabelecer diálogo. Algumas pessoas ficam tão chocadas com o que veem em nosso centro de memória que não conseguem fazer qualquer ligação com o mundo contemporâneo, mas é preciso saber questionar os movimentos atuais. Por exemplo, é possível verificar diferenças entre judeus vítimas do Holocausto e israelenses radicais, porque são sociedades muito diferentes entre si".

Para Jasch, a educação passa pela manutenção da memória e pela promoção do conhecimento sobre a história. "Por isso a Alemanha desenvolve políticas que tratam do passado em conexão com o presente, de modo a promover uma cultura que preserve a memória e promova uma pedagogia da paz". ■

> *"É preciso elevar o nível de conhecimento sobre os criminosos nazistas e sobre questões da administração do Holocausto.*

Living memories

The Director of the House of the Wannsee Conference, in Berlin, explains why the memories of the Nazi period needs to always be present in maintaining social relations in Germany

ADAM JONES, PH.D./GLOBAL PHOTO ARCHIVE/WIKIMEDIA COMMONS/HTTPS://BIT.LY/2YTHHHA

ZENAPHOTO/ISTOCK

Atividade para estudantes no Centro de Memória e Educação Casa da Conferência de Wannsee.

Student activity at Memorial and Educational Site House of the Wannsee Conference.

In January 1942, a mansion in the Berlin suburb of Wannsee was used for a meeting of leaders of the German Nazi government and members of the SS (Schutzstaffel) *– the paramilitary organization created by Adolf Hitler to, among other things, eliminate ethnic minorities and militant communists and socialists. That meeting discussed the directions to be taken in the extermination policy conducted by Germany during World War II.*

The meeting, known as the Wannsee Conference, left its mark on the place that, despite the destruction of Berlin, was preserved during the War. After the reunification of Germany, in 1990, it was chosen to host the Memorial and Educational Site House of the Wannsee Conference (GHWK, initials in German), and was inaugurated as a memorial to the Holocaust and a museum on January 20, 1992, on the Conference's 50th anniversary.

During the session dedicated to education and culture, the current Director of GHWK, Hans-Christian Jasch, spoke about how the institution functions, today, nearly eight decades after that fateful meeting.

The place receives some 120,000 visitors per year, including countless researchers, and provides access to data, information, and documents regarding practices during the Nazi period, which are essential elements for studies and for permanent reflection on the country's socio-political relations.

The museum preserves and gives access to a series of historic documents, such as a list with the names of 11 million people who were probably taken from Central Europe to Eastern Europe to be exterminated. According to Jasch, there is criticism, yet today, of the International Military Court that, after the end of WWII, did not properly deal with the case, since the Conference is remembered as the

> *It is necessary to raise the level of knowledge regarding Nazi criminals and about issues related to the administration of the Holocaust.*

event in which Nazism's upper leadership echelon made the decisions regarding what the German government would do with the Jews.

"When looking at the German war criminals, we see different profiles. Many are identified by historians as typical representatives of the youth who did not take part in World War I, but who ended up playing an important role in the radicalization that led to the ascension of Nazism," he noted.

The Director also reminded that by radicalizing domestic safety, the Nazi government reinforced extremism and institutionalized aggression against the issues that it considered to be contrary to its convictions, like communism and the financial hegemony of the Jews, which devalued the currency, lowered purchasing power, and let inflation rage out of control, leading the traditional German bourgeois, which partially supported the regime, into enormous poverty.

According to him, the educational experience adopted by the Memorial seeks an approach, without taboos, to that period of radicalization, based on documents, while attempting to absorb terrible facts of life of the country and contributing to the story being narrated countless times, to every generation. "There is controversy and there is a right to controversy. But based on the biography of the war criminals, among other documents and factors, we deconstructed the ideology that profoundly marked German history and that obligates us, every day, to discover ways of dealing with the past. This is reflective knowledge that is linked to the present."

Narratives and representations – *The institution managed by Jasch presents a narrative regarding a highly complex process that involves issues prior to the radicalization of German politics during Nazism, by attempting to measure its impact, as well as identify the path that led to extreme violence and its different meanings. "At this place, mass murders were conceived and, for that reason, it has symbolic importance, in which the Wannsee Conference holds the central position."*

However, Jasch feels it is necessary to be extremely cautious when dealing with complex historic subjects, because the relevance of certain facts requires a profound knowledge of history. That rigor, according to him, is what allows societies to have sufficient elements to be able to analyze and question public administrations, permanently and regarding different aspects, including the present day.

"The work of preservation and investigation of memories provides bases for discussing these questions, and regular opinion polls, like the ones we take with the public, help us monitor possible polarizations and assist in the process of civic education, which is linked to essential issues in Germany."

He explains that, although mandatory in Germany, the subject of the Holocaust can be tiresome to visitors. Despite that, he believes it is necessary to raise the level of knowledge regarding Nazi criminals and about issues related to the administration of the Holocaust, which, he says, has practically disappeared from memory in Germany. "There is a need to feed the memories and increase the interest of people in the subject through biographies. A big debate is on as to whether the Holocaust should be studied as a worldwide subject or as a geographically local one. But the cases of Neo-Nazi behavior throughout the world strengthen the idea that it is something that can occur anywhere, at any time," he noted.

Jasch also stressed that this is the reason for the GHWK to show visitors the mechanism used by today's right-wing extremists in constructing their discourse, when, for example, they push the idea that immigration can make Germany lose its ethnic identity.

"When we talk about the radicalization of ultraconservatives, the so-called right wing extremists, we are talking about people who do not want to have dialogue. Some people are so shocked by what they see in our memory center that they are unable to make any connection with the contemporary world, but we must know how to question present-day movements. For example, it is possible to see differences between Jews who were victims of the Holocaust and radical Israelis, because those societies are very different from each other."

From Jasch's point of view, education moves through a process of maintaining memory and promoting knowledge about history. "For that reason, Germany is developing policies that deal with the past, in connection with the present, so as to uphold a culture that preserves memory and advocates a pedagogy of peace." ■

Conhecer para evitar

Estudos comprovam que é possível usar observações, dados e análises científicas para prevenir manifestações de violência e atos de extremismo na sociedade

Prevenção ao extremismo violento com base em evidências e relação entre diferentes formas de violência e seu reflexo em áreas como a saúde pública foram os temas apresentados na sessão "Ciência e pesquisa", respectivamente por Andreas Armborst, chefe de pesquisa do German National Center for Crime Prevention (NCCP) e por Maria Fernanda Tourinho Peres, professora da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP).

Prevenção ao extremismo violento com base em evidências é uma linha de estudos desenvolvida no NCCP. Sediado no Ministério do Interior (BMI), em Bonn, o instituto realiza estudos empíricos para a obtenção de subsídios preventivos à violência decorrente da radicalização de comportamentos no país. "Trabalhamos com prevenção à violência extremista baseada em dados empíricos e abordagens nos mesmos moldes do que é feito na área da saúde, seguindo o paradigma de que evidências científicas ajudam a promover a qualidade de vida das pessoas", disse Armborst.

Nesse sentido, o NCCP faz revisões sistemáticas e sínteses de pesquisas para abordagens de prevenção ao crime, incluindo questões específicas como tratamento de agressores sexuais, reincidência em reabilitação juvenil, violência política e prevenção de extremismos. "Observando práticas, medimos sua evolução. Nos anos 1990, criamos um indicador de desempenho e avaliação de impacto, com o foco nas causas da violência. Nos anos 2000, essa base de evidências cresceu e revisões sistemáticas levaram a outro nível de prevenção de crimes na Alemanha".

Segundo Armborst, a estrutura organizacional da violência revela que a radicalização pode partir de indivíduos, grupos ou da própria sociedade. Por isso, as pesquisas buscam projetar problemas sociais a fim de descobrir como resolvê-los e avaliar seu impacto na coletividade. "A realidade social é muito complexa, e numa análise estatística, quando há base comparativa, podemos avaliar se o resultado é o desejado, se funciona e para quem. Contudo, algumas medições podem ser aplicadas em um contexto, mas não em outro".

Para o pesquisador, o extremismo é a ideia prevalente de que existe um embate do "nós" contra "eles", que busca engajar pessoas para ações violentas. Porém, observou, se atos de intolerância ou injustiça afetam alguém ou um grupo, é possível agir preventivamente.

Além da divulgação de resultados de pesquisas, o NCCP atua junto a comissões em áreas que carecem de evidência

FELIPE MAIROWSKI

Maria Fernanda Tourinho Peres, da Universidade de São Paulo (USP)

> *A estrutura organizacional da violência revela que a radicalização pode partir de indivíduos, grupos ou da própria sociedade.*

científica para combater o extremismo violento, buscando descobrir déficits de pesquisa com base em evidências, transformando-as em informações relevantes para a formulação de políticas públicas.

Entre os indicadores de extremismo violento estão perda de status socioeconômico, crise de identidade, perda de significância, privação social e encarceramento, além da disseminação de propaganda extremista. Contudo, disse o criminologista, o cenário é incompleto.

Na avaliação do terrorismo, por exemplo, Armborst disse que em cada etapa há diferentes causas, níveis de radicalização e formas de manifestação. "Sempre há conflitos e problemas sociais antes da radicalização. Porém, no extremismo de esquerda ou de direita, entre moralistas, justificadores e simpatizantes, conforme o agravamento da situação, um número menor de pessoas se enquadra".

Em sua abordagem do tema, ele reconheceu que um enfoque mais amplo deveria incluir outras medidas e implicações. "Verificamos causas e impactos, e estudos com métodos mistos são mais interessantes, mas é certo que precisamos pesquisar mais para entender melhor esses fenômenos complexos".

Violência estrutural – Na mesma sessão, Maria Fernanda Tourinho Peres, professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP), falou sobre a relação entre diferentes formas de violência e seu reflexo em áreas como a saúde pública.

Para ela, o extremismo violento, inspirado por ideologias, fundamentalismos religiosos, separatismo e xenofobia, está se espalhando pelo mundo. "Conforme atestam documentos internacionais, por motivos distintos o Brasil também é um país extremamente violento, com uma das maiores taxas de homicídio do mundo, incluindo as mais de cinco mil mortes anuais causadas por ações policiais", afirmou.

Essa violência tem como principais vítimas homens negros jovens, com baixa escolaridade, moradores das periferias dos grandes centros urbanos, mas também pessoas que não necessariamente integram grupos vulneráveis. "Há formas de violência extremamente cruéis no Brasil, provocadas por comportamentos racistas, mas também machistas e homofóbicos, presentes até mesmo nos atuais discursos políticos de partidos conservadores", disse.

Para a pesquisadora do NEV-USP, a violência no Brasil é um problema estrutural. "O alto nível de impunidade faz com que crianças e jovens entendam a violência como algo legitimado pela sociedade, inclusive por ações do Estado, que podem ser vistas atualmente como formas de violência contra o cidadão e as instituições", fator que considera gravíssimo, sobretudo para os jovens.

A fim de ilustrar o quanto a violência pode estar presente em diferentes sociedades, Peres citou dados relacionados a fatores de risco para a violência entre jovens em São Paulo (Brasil), Montevidéu (Uruguai) e Zurique (Suíça), considerando programas preventivos e estratégicos de saúde pública e fatores como o comprometimento escolar. Ela verificou que proteção e risco são equivalentes nas três cidades e, com base nos dados, os adolescentes em São Paulo não estariam mais suscetíveis do que os demais à violência.

Ainda assim, ela acredita que o tipo de abordagem para a prevenção seja determinante, devendo envolver diferentes setores, como governos locais, empresas e ONGs, a fim de se construir ambientes seguros que garantam suporte à vida com ênfase na prevenção baseada em evidências, coleta contínua de dados e medição de impacto.

A especialista apontou ainda haver desequilíbrio de gênero nos crimes mais violentos no Brasil, com cerca de 90% dos homicídios cometidos por homens, que são também as vítimas em maior número. Ainda assim, as mulheres continuam sendo as mais afetadas pela violência doméstica.

"Para o Ministério da Saúde, violência é definida como o uso de força e poder, e isso precisa ser desenraizado na estrutura social do país", enfatizou Peres. Para ela, é preciso que se desenvolvam continuamente atividades para diminuir a violência contra minorias e que sejam criadas redes de suporte às vítimas de violência doméstica e policial. Propõe também que o aparato legal contra esses tipos de agressão seja reforçado e que as vítimas tenham suporte com foco em ações de promoção da saúde. ■

Forewarned is forearmed

Studies prove that it is possible to use scientific observations, data and analyses to prevent manifestations of violence and acts of extremism in society

Prevention of violent extremism, based on evidence and relations between different forms of violence and their reflection in areas like public health were the subjects present in the session "Science and Research", presented respectively by Andreas Armborst, head of research of the German National Center for Crime Prevention (NCCP), and by Maria Fernanda Tourinho Peres, Professor of the University of São Paulo (USP) and researcher of the Center for Research on Violence (NEV-USP).

Prevention of violent extremism, based on evidence, is a line of study developed at the German National Centre for Crime Prevention. With headquarters in the Ministry of the Interior (BMI), in Bonn, the Institute performs empirical studies for obtaining knowledge for preventing violence arising from behavior radicalization in the country. "We work with preventing violent extremism based on empirical data and approaches in the same manner as is done in the health care area, following the paradigm that scientific evidence helps boost people's quality of life," Armborst said.

Along this line, the NCCP does systematic revisions and syntheses of research on approaches for preventing crime, including specific issues, such as the treatment of sexual aggressors, juvenile repetition in rehabilitation centers, political violence, and prevention of extremisms. "When observing practices, we measure their evolution. In the 1990s, we created a performance indicator that also assesses impact, with a focus on the causes of violence. In the first decade of this millennium, that evidence base grew and systematic revisions led to another level of crime prevention in Germany."

According to Armborst, the organizational structure of violence reveals that radicalization can come from individuals, groups, or society itself. Therefore, research studies seek to project social problems, in order to discover how to resolve them and to assess their impact on the community. "Social reality is very complex, and in a statistical analysis, when there is a basis for comparison, we can assess whether or not the result is what was desired, if it works, and for whom. However, some measurements can be applied in one context, but not in another."

As the researcher sees it, extremism is the prevailing idea that there is conflict between "us" and "them", which seeks to engage people in violent actions. However, he noted, if acts of intolerance or injustice affect someone or a group, it is possible to act preventively.

Besides publishing research results, the NCCP is involved with committees in areas that lack scientific evidence for combatting extreme violence, by seeking to discover where research is weak, based on evidence, transforming them into relevant information for formulating public policies.

Among the indicators of violent extremism are the loss of socio-economic status, identity crises, lost significance, social privation, and incarceration, as well as the dissemination of extremist propaganda. However, the criminologist said that the scenario is incomplete.

For example, when assessing terrorism, Armborst said that each phase has different causes, levels of radicalization, and forms of manifestation. "Conflicts and social problems always precede radicalization. However, in extremism of the left or the right, among moralists, legitimizers, and sympathizers, depending on the seriousness of the situation, fewer people fit in."

In his approach to the subject, he recognized that a broader focus should include other measures and implications. "We found causes and impacts, and that

Andreas Armborst, of the German National Center for Crime Prevention (NCCP)

FELIPE MAIROWSKI

> ***The organizational structure of violence reveals that radicalization can come from individuals, groups, or society itself.***

studies with blended methods are more interesting, but there is no doubt that we need to do more research, in order to better understand these complex phenomena."

Structural violence – *In the same session, Maria Fernanda Tourinho Peres, Professor in the School of Medicine of the University of São Paulo (FMUSP) and a researcher in the Center for Research on Violence (NEV-USP), spoke about the relationships between different forms of violence and their reflection in areas such as public health.*

As she sees it, violent extremism, inspired by ideologies, religious fundamentalism, separatism, and xenophobia, is spreading around the world. "As attested to by international documents, and for distinct reasons, Brazil is also an extremely violent nation, with one of the highest homicide rates in the world, including over five thousand deaths, annually, caused by police actions," she stated.

The violence mainly victimizes young black men with little education, residents of the poor suburbs of large urban centers, but also people who are not necessarily members of vulnerable groups. "There are extremely cruel forms of violence in Brazil, caused by racist, as well as macho and homophobic behavior, found even in the current political discourse of conservative parties," she said.

According to the NEV-USP researcher, violence in Brazil is a structural problem. "The high level of impunity gives children and young people the idea that violence is legitimized by society, including by actions of the State, which can now be seen as forms of violence against citizens and institutions," a factor she considers to be gravely serious, especially for young people.

In order to illustrate how violence can be present in different societies, Peres cited data related to risk factors for violence among young people in São Paulo (Brazil), Montevideo (Uruguay), and Zurich (Switzerland), considering preventive and strategic public health programs and such factors as commitment to education. She found that protection and risk are equivalent in the three cities and, based on the data, adolescents in São Paulo are not more susceptible to violence than the others.

Nevertheless, she believes that the type of approach for prevention is a determining factor, and it must involve different sectors, such as local governments, companies, and NGOs, in order to construct safe environments that ensure life support with an emphasis on evidence-based prevention, the continuous collection of data, and impact measurement.

The specialist also indicated an imbalance in the types of most violent crimes in Brazil, with some 90% of the homicides committed by men, which are also the victims in greater numbers. Nevertheless, women continue to be the most affected by domestic violence.

"According to the Ministry of Health, violence is defined as the use of force and power, and that must be uprooted from the country's social structure," Ms. Peres stressed. In her opinion, it is necessary to continuously develop activities for diminishing the violence against minorities and that support networks be created for victims of domestic and police violence. She also proposes that the legal apparatus against those types of aggression be reinforced and that the victims have support with a focus on actions that promote good health. ■

FUNKY-DATA/ISTOCK

Em busca da **pedagogia da paz**

Ambiente de pesquisa sobre paz e conflito ganhou espaço no continente europeu, em meio às mudanças de contextos políticos ocorridas nas últimas décadas no mundo

Antes, a paz era identificada como ausência de guerra, mas hoje é algo com definição complexa.

"Estudos sobre violência, prevenção de violência e resolução de conflitos na Alemanha" foi o tema abordado pelo pesquisador da Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt (KU) Thomas Fischer, um dos palestrantes que encerraram a programação do 8º Diálogo. Ele descreveu a trajetória e a contextualização de estudos sobre paz e conflito na Europa, onde o tema se estabeleceu no século 20, quando o continente vivenciou momentos de nacionalismo armado, imperialismo, colonialismo e corrida armamentista.

Essa trajetória, segundo o palestrante, levou à necessidade de entendimentos internacionais sobre os momentos críticos e seus efeitos vividos pelo continente europeu – cenário de duas guerras mundiais num decurso de 31 anos: de 1914, início da primeira, a 1945, término da segunda –, resultando no surgimento da Liga das Nações e, mais tarde, da Organização das Nações Unidas (ONU), que têm nas pesquisas uma base confiável para sua atuação. "Antes, a paz era identificada como ausência de guerra, mas hoje é algo com definição complexa. Depois daquele período, as pesquisas sobre paz e conflito foram motivadas por

tópicos relacionados ao contexto da Guerra Fria, que na Alemanha contemplavam o perigo de uma guerra nuclear envolvendo o território alemão, e de relações conflituosas de múltipla geração", disse.

O desenvolvimento de estudos de paz e conflito levaram também a momentos de inovação na pesquisa sobre esses temas, com novos tópicos, abordagens, métodos e proposições. Segundo Fischer, a partir de forças motrizes envolvendo agentes, contextos e problemas distintos, houve troca de ideias e informações baseada na cooperação transnacional, resultando em novas pesquisas, análises e definições.

"Os movimentos sociais e organizações acadêmicas preocupados com conflitos transnacionais não eram muito populares no período entreguerras. Mas nos anos 1960 e 1970 verificamos particularidades na Alemanha, onde o interesse dos pesquisadores se dava basicamente pelas guerras entre nações 'civilizadas', enquanto na discussão política nacional havia uma conscientização sobre diferentes conflitos sociais", disse.

Naquele período, questões como desarmamento, controle e embargo de armas passavam a ser objeto de pesquisas, assim como prevenção de guerras por meio de negociação, arbitragem e armistício, estado de direito e educação para a paz. Mas foi a partir dos anos 1980 e 1990, com a radicalização de movimentos nacionalistas, separatistas e étnicos, como na região do Bálcãs, e conflitos Norte-Sul, que os temas de pesquisa se expandiram, criando na Alemanha um novo panorama de estudos em relação ao mundo.

"Em um contexto pós-Guerra Fria, com radicalização de movimentos nacionais e étnicos, guerras civis e construção de Estados nacionais, além da guerra internacional às drogas, os conflitos se tornaram mais diversificados e acentuados", observou o pesquisador.

Segundo ele, as pesquisas se concentraram, por um lado, em guerras civis e Estados falidos, e, por outro, nas transformações pacíficas, com espaço para estudos sobre o papel dos processos de transição democrática e da justiça de transição, e perspectivas globais, incluindo conflitos Norte-Sul e estudos de área.

"Também ganharam espaço estudos sobre prevenção de conflitos, responsabilidade internacional, forças policiais e de segurança, além de discursos, linguagens, narrativas, percepção de violência e estratégias de uso de mídia, incluindo mais recentemente as mídias sociais".

Memória e interdisciplinaridade – Para Thomas Fischer, alguns indicadores de pesquisas ajudaram a criar parâmetros e consensos, como a noção de que é mais fácil lidar com as ideias terroristas da esquerda do que da direita. "Não havia muitos estudos com foco na radicalização, mas hoje existe uma série razoável de pesquisas sobre atores radicais, na Alemanha e em outros países, cuja análise dos discursos mostra a violência aliada a narrativas", disse. E acentuou: "a percepção da violência tem a ver cada vez mais com estratégias de comunicação, o que inclui hoje de maneira destacada as redes sociais".

Na análise do palestrante, os historiadores sempre estiveram cientes disso, mas em suas pesquisas não havia muita troca sobre tópicos como discursos de paz e violência. "Isso mudou nos últimos anos, com a criação dos chamados locais de memória, com pesquisas que proporcionaram o debate sobre formas de lidar com o passado, algo que se discute hoje na Alemanha, como disciplina da museologia".

Os lugares de memória, que na Alemanha buscam manter vivo o debate sobre o passado numa intersecção com o presente, ajudam não apenas a conhecer e superar erros, mas a provocar mudanças radicais na capacidade de interpretação das gerações mais jovens sobre o legado de outros períodos.

Segundo o pesquisador da Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt, atualmente há na Alemanha vários lugares fazendo pesquisas sobre esse tema, a fim de preparar especialistas no campo de paz e conflitos. "A próxima tendência é pensar em prevenção de conflitos em sociedades violentas. Precisamos de mais colaboração, para fortalecer e promover a interdisciplinaridade e juntos pensarmos numa pedagogia da paz".

Ele observou que, no campo de intersecção entre história e comunicação, a ideia de "nunca mais" ganhou força na Alemanha, algo que está apenas próximo de uma discussão pública no Brasil. Por isso, acredita ser importante enfatizar que pesquisas são subsídios essenciais para convencer políticos e tomadores de decisão a promover uma cultura de paz e de resolução de conflitos.

Fischer afirmou ainda que, nos últimos tempos, a história passou a funcionar como um importante campo pedagógico. "Não é algo apenas dos Estados, mas global, de sociedades e culturas distintas, e envolve diferentes atores, como os povos nativos, que hoje vão à ONU graças a um empoderamento obtido pelo conhecimento histórico, a partir de uma abordagem local".

O impacto gerado por locais de memória também está conectado com o que se faz no ambiente público. "Na Alemanha há ultimamente uma tendência acentuada em prol da paz e da prevenção de conflitos, com apoio de universidades e instituições que colaboram com diferentes pesquisas e iniciativas", explicou Fischer. ■

FELIPE MAIROWSKI

Thomas Fischer, of the Catholic University of Eichstätt-Ingolstadt (KU)

In pursuit of a ***pedagogy of peace***

Research environment on peace and conflict has gained space on the European continent, in the midst of changes in political contexts that have occurred, worldwide, in recent decades

"Studies of violence, violence prevention, and conflict resolution in Germany" were the subjects dealt with by the researcher from the Catholic University of Eichstätt-Ingolstadt (KU), Thomas Fischer, one of the speakers who closed out the program of the 8th Dialogue. He described the history and context of studies regarding peace and conflict in Europe, where the subject was established in the 20th century, when the continent experienced moments of armed nationalism, imperialism, colonialism, and the arms race.

That history, according to the speaker, led to the need for international understandings regarding critical moments and their effects experienced on the European continent – a scenario of two world wars within a period of 31 years: from the beginning of the first war, in 1914, to the end of the second war, in 1945 – resulting in the rise of the League of Nations and, later, the United Nations (UN), whose research work serves as a reliable basis for its involvement. "Prior to that, peace was defined as the absence of war, but today the definition is complex. Since that time, research on peace and conflict have been motivated by topics related to the context of the Cold War, which, in Germany, included the danger of a nuclear war involving German territory, and conflicting relations generated by multiple sources," he said.

The development of peace and conflict studies also led to moments of innovation in the research done on these subjects, with new topics, approaches, methods, and propositions. According to Fischer, based on the driving forces involving different agents, contexts and problems, there was an exchange of ideas and information based on transnational cooperation, resulting in new research, analyses, and definitions.

> *Peace was defined as the absence of war, but today the definition is complex.*

"The social movements and academic organizations concerned about transnational conflicts were not very popular during the period between wars. But in the 1960s and 1970s, we found distinctive particularities in Germany, where researchers were basically interested in the wars between 'civilized' nations, while the national political discussion was well aware of different social conflicts," he said.

During that time, such issues as disarmament and the control and embargo of arms became the object of studies, as did the prevention of wars through negotiation, arbitration and armistice, the rule of law, and education for peace. But it was in the 1980s and 1990s, with the radicalization of nationalist, separatist, and ethnic movements, like in the region of the Balkans, and North-South conflicts, that the subjects for research expanded, creating a new panorama of studies in Germany, in relation to the world.

"In a Post-Cold War context, with the radicalization of national and ethnic movements, civil wars, and the construction of Nation States, besides the international war on drugs, the conflicts became more diversified and accentuated," the researcher said.

According to him, the studies were concentrated, on the one hand, on civil wars and failed States, and on the other, on peaceful transformations, with space for studies of the role of democratic transitional processes and transitional justice, and global perspectives, including North-South conflicts and area studies.

"Also gaining space were studies on the prevention of conflicts, international responsibility, police and security forces, as well as discourses, language to be used, narratives, perception of violence, and media strategies, including, more recently, the social media."

Memory and interdisciplinarity – *According to Thomas Fischer, some research indicators helped create parameters and consensus, such as the notion that it is easier to deal with the ideas of terrorists on the left than with those on the right. "There were not many studies focusing on radicalization, but today there is a significant series of studies about radical players, in Germany and in other countries, whose analyses of the discourses show violence allied with the narratives," he said. And that happened: "the perception of violence has to do more with communication strategies, which now include a huge presence of the social networks."*

According to the speaker's assessment, historians were always aware of this, but in their research there was not much exchange regarding topics, such as discourses on peace and violence. "That has changed in recent years, with the creation of the so-called memory sites, and research that provided the debate with ways of dealing with the past, which is under discussion, today, in Germany, like the discipline of museology."

The memory sites, which, in Germany, seek to keep the debate alive about the past intersecting with the present, help not only to know and overcome errors, but to foment radical changes in the interpretation capacity of the younger generations regarding the legacy of other periods.

According to the researcher from the Catholic University of Eichstätt-Ingolstadt, Germany currently has a number of places that are studying this subject, in order to prepare experts in the field of peace and conflicts. "The next trend is to think about the prevention of conflicts in violent societies. We need more collaboration, to strengthen and build interdisciplinarity and to think together about a pedagogy of peace."

He noted that, in the intersection between history and communication, the idea of "never again" gained strength in Germany, something that is only close to a public discussion in Brazil. For that reason, he believes it is important to emphasize that polls are essential elements for convincing politicians and decision-makers to foster a culture of peace and conflict resolution.

Fischer also stated that, in recent times, history has begun to function as an important pedagogical field. "It is not merely something for the States, but it is global, for distinct societies and cultures, and it involves different players, such as native peoples, which now go to the UN, thanks to the empowerment obtained by their knowledge of history, based on a local approach."

The impact generated by memory sites is connected with what is done in the public domain. "Lately, in Germany, there has been an accentuated trend on behalf of peace and the prevention of conflicts, with the support of universities and institutions that collaborate with different studies and initiatives," Fischer explained. ■

FERNANDO QUEVEDO/ISTOCK

Um presente repleto de passado

Números da violência no Brasil expõem um país ainda preso a um passado escravista, que perpetua injustiças sociais e retroalimenta índices alarmantes

Os números da violência no Brasil revelam um problema estrutural, epidêmico e naturalizado no país, onde foram registrados mais de 65 mil homicídios em 2017, quase 180 por dia, de acordo com o Atlas da Violência, publicado anualmente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Os dados foram mencionados por Lilia Schwarcz, professora da Universidade de São Paulo (USP), quando falou sobre o tema "Passado e presente: violência e autoritarismo no Brasil", palestra que encerrou a programação científica do 8º Diálogo.

Com base em dados oficiais, ela descreveu de forma contundente uma sociedade imersa no racismo e no preconceito, observando que a imensa desigualdade social brasileira resulta da falta de oportunidades e de educação, área que considera estratégica para a prevenção da violência. "Acredito que só a educação tem potencial para travar o gatilho da intolerância e da desigualdade no país", disse.

Em 2018, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 123 pessoas foram mortas por dia por armas de fogo no Brasil, numa média de cinco pessoas por hora. Com 30 homicídios por 100 mil habitantes, esse número é ainda mais elevado em determinadas regiões, como no Estado de Sergipe, com 65 homicídios por 100 mil habitantes, destacou a antropóloga.

Quando analisados segundo aspectos específicos, esses índices preocupam ainda mais. "Entre jovens de 15 a 29 anos são 122 homicídios por 100 mil habitantes, chegando a 56,5% das mortes de homens na faixa de 15 a 19 anos. Entre 2006 e 2016 foram 324.967 jovens mortos nessas condições no Brasil. É um número de guerra armada, que só caiu com o estatuto de desarmamento", observou.

Em sua análise, o controle de armas foi um fator decisivo para conter as mortes no Brasil, onde atualmente seis armas de fogo são comercializadas a cada hora. De acordo com a pesquisadora, os números

revelam não uma exceção, mas uma tendência. "O desarmamento teve menos impacto em estados brasileiros que contam, na Câmara de Deputados, com representantes da chamada bancada da bala, formada por parlamentares defensores da liberação do porte de armas, que inclusive têm projetos para aumentar a quantidade de armas a que as pessoas têm direito", informou Schwarcz.

No Brasil, 1.700 pessoas morrem a cada ano em decorrência de assalto à mão armada, com 13,8 mil assassinatos registrados nos últimos dez anos. Além dos homicídios, a pesquisadora aponta também o tráfico de drogas como grande promotor da violência no país. "Houve crescimento do tráfico de drogas, das milícias que operam devido à corrupção e controlam cerca de 11 milhões de pessoas, atuando paralelamente ao Estado, o que gerou uma sensação de perigo e impunidade e um aumento do autoritarismo na política brasileira".

Para Schwarcz, momentos de crise abrem espaço para discursos de radicalização pela violência como solução, mas tratar do sintoma e não da causa cria uma ilusão de segurança, sem efeito prático, enquanto a imensa desigualdade social brasileira segue contribuindo para gerar mais violência e diferentes realidades.

Raça e gênero – Outro aspecto diretamente ligado ao aumento dos casos de violência envolvendo armas de fogo está no fato de a polícia brasileira ser considerada das mais violentas e racistas do mundo, conforme atestam diferentes pesquisas citadas por Schwarcz. "Em 2017, dos residentes nas cidades com mais de 100 mil habitantes, 62% declararam ter medo de sofrer com a repressão policial inclusive por questões raciais, fator preponderante mesmo entre policiais mortos em operação, dos quais 56% eram negros".

De acordo com a pesquisadora, diferentes marcadores sociais mostram como os afrodescendentes são um dos alvos preferenciais do comportamento intolerante, revelando uma realidade segregada na própria sociedade, na qual negros recebem salários que chegam a ser 40% menores do que os dos brancos.

Para ela, o Brasil passa por um momento complexo, que exige profunda reflexão, considerando que o país tem um passado escravocrata, que deixou marcas profundas ainda visíveis nas relações cotidianas. "O Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão. Vivemos um presente ainda muito preso ao passado, numa ilha de democracia cercada de racismo e autoritarismo por todos os lados".

Ela lembra que um dos maiores expoentes dessa desigualdade de gênero e raça, refletida na violência, é o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, mulher, negra, lésbica e defensora dos direitos humanos. "Marielle foi assassinada pela mesma violência que combatia, num crime político que mostra paradoxalmente como alguns setores da sociedade se sentem ameaçados. Com ela, uma esperança de um Brasil melhor foi enterrada", disse.

Para Schwarcz, a não descoberta do assassino da vereadora, apesar dos fortes indícios envolvendo milícias, gera descrédito no Estado brasileiro. "Sabemos que a família do presidente da República está bastante conectada com as milícias e que o incentivo ao armamento faz parte do atual governo, apesar de termos no Brasil números de guerra civil comparáveis com os de países como Síria, Afeganistão e Iêmen".

Além do racismo, Schwarcz destaca que no Brasil há hoje nítidas demonstrações de xenofobia, homofobia e misoginia, que alimentam o alto índice de crimes violentos. "Há problemas estruturais que exigem medidas de curto, médio e longo prazos. A brutal desigualdade no Brasil gera medo e insegurança, que se refletem de maneira perigosa nas eleições".

Ela mencionou ainda como gerador de violência o fato de parte da mídia e dos políticos manterem ligações espúrias com o agronegócio, citando conflitos e desrespeito com as terras indígenas, inclusive com tentativas de desestruturar a Fundação Nacional do Índio (Funai), que foi transferida do Ministério da Justiça para o da Agricultura em uma das primeiras ações do atual governo.

"Em média, 68 indígenas são assassinados por ano devido a disputas de terra no Brasil, onde foram mortos mais ativistas do que em qualquer outro país em 2018. Vivemos um governo que nega que tivemos o maior sistema de escravidão do mundo, que nega o racismo, a ditadura e dados científicos sobre essas e outras questões. Por isso temos que ir a público, multiplicar as respostas e possibilidades de, com dados qualificados, influenciar os formuladores de políticas públicas". ■

> *"A imensa desigualdade social brasileira resulta da falta de oportunidades e de educação.*

The present, rooted in the past

Numbers on violence in Brazil reveal a country that is still tied to its past history of slavery, which perpetuates social injustice and fuels disturbing indices

The figures on violence in Brazil reveal that the country has a structural, epidemic, and ingrained problem, with over 65,000 homicides recorded in 2017, that is, nearly 180 per day, according to the Violence Atlas, published annually by the Institute of Applied Economic Research (IPEA) in a partnership with the Brazilian Forum of Public Safety (FBSP).

The data were cited by Professor Lilia Schwarcz, of the University of São Paulo (USP), when she spoke about the subject "Past and present: violence and authoritarianism in Brazil", during the close of the scientific program of the 8th Dialogue.

Based in official figures, she forcefully described a society steeped in racism and prejudice, observing that Brazil's immense social inequality is the result of a lack of opportunity and education, which is an area she considers to be strategic to the prevention of violence. "I believe that only education has the potential for deactivating the trigger of intolerance and inequality in the country," she said.

In 2018, according to the World Health Organization (WHO), 123 people were killed per day by firearms in Brazil, for an average of five per hour. With 30 homicides per 100,000 inhabitants, this number is even higher in certain regions, like the State of Sergipe, with 65 homicides per 100,000 inhabitants. When analyzed according to specific aspects, the anthropologist emphasized that these indices are even more worrisome. "Among young people, from 15 to 29 years of age, there are 122 homicides per 100,000 inhabitants, with 56.5% of the males killed being 15 to 19 years old. From 2006 to 2016, 324,967 young people were killed in these conditions in Brazil. Those are numbers of an armed war, which only slowed down with the Disarmament Act," she noted.

In her view, arms control was a decisive factor for combatting deaths in Brazil, where six firearms are sold every hour, at the current rate. According to the researcher, the numbers do not reveal an exception but, rather, a trend. "Disarmament had less of an impact on Brazilian States represented in the House of Representatives, by the so-called "bullet party", formed by legislators in favor of the right to bear arms, and bills in the hopper for increasing the number

FELIPE MAIROWSKI

Lilia Schwarcz, of the University of São Paulo (USP)

> *Brazil's immense social inequality is the result of a lack of opportunity and education.*

of weapons that people have a right to own," Schwarcz informed.

In Brazil, 1,700 people die every year during armed robberies, with 13,800 murders recorded over the past ten years. Besides homicides, the researcher also indicated that drug trafficking is a big promoter of violence around the country. "There was a growth in drug trafficking, in militias that operate because of corruption and which control some 11 million people with their actions parallel to those of the State, generating a sense of danger and impunity and an increase in the authoritarianism of Brazilian politics."

According to Ms. Schwarcz, crisis moments make room for discourses on radicalization through violence as being a solution, but dealing with the symptom and not the cause creates the illusion of safety, without practical effects, while Brazil's huge social inequality continues to contribute to generating more violence and very different reality situations.

***Race and gender –** Another aspect directly linked to the increased cases of violence involving firearms is found in the fact that Brazilian police are considered to be the world's most violent and racist, as attested to by different studies cited. "In 2017, of the cities with more than 100,000 inhabitants, 62% of the population declared they were afraid of suffering police repression, including racial issues, which is the major factor even among police officers killed during operations, 56% of which were black."*

The researcher said that different social markers show how African descendants are one of the preferred targets of intolerant behavior, revealing a reality within society itself, where blacks are paid up to 40% less than whites.

She sees Brazil going through a complex moment, which demands profound reflection, considering that the country has a past rooted in slavery, leaving deep marks that are still visible in daily relations. "Brazil was the last country in the West to abolish slavery. We live in a present that is still heavily tied to the past, on an island of democracy surrounded by racism and authoritarianism on all sides."

She recalled that one of the biggest expressions of this gender and racial inequality, reflected in violence, was the assassination of one of Rio de Janeiro's city council members. Marielle Franco, a woman, black, lesbian, and defender of human rights. "Marielle was murdered by the same violence that she fought, in a political crime that shows, paradoxically, how some sectors of society feel threatened. Hope for a better Brazil was buried with her," she said.

Ms. Schwarcz believes that the fact of not discovering who the assassin of the councilwoman was, despite the strong indications of militia involvement, discredits the Brazilian State. "We know that the family of the President of the Republic is closely linked to the militias and that the current administration encourages armaments, despite Brazil having civil war statistics similar to Syria, Afghanistan, and Yemen".

Besides racism, Prof. Schwarcz stressed that Brazil presents clear signs of xenophobia, homophobia, and misogyny, which fuel the high rate of violent crime. "There are structural problems that demand short, medium, and long-term measures. Brazil's brutal inequality drives the fear and insecurity reflected dangerously during election times."

She also mentioned the fact that some of the media and politicians maintain spurious relations with agribusiness, generating violence through conflicts and disrespect of indigenous lands, including attempts to dismantle the National Indigenous People's Foundation (Funai), which was transferred from the Ministry of Justice to the Ministry of Agriculture in one of the first actions of the current administration.

"An average of 68 indigenous tribes people are murdered per year over land disputes in Brazil, where more activists died than in any other country in 2018. We have a government that denies that we had the biggest slavery system in the world, as well as denying racism, the dictatorship, and scientific data regarding these and other issues. For that reason, we must go to the people, multiply the answers and possibilities, with qualified data, to influence those who form public policies." ■

FELIPE MAIROWSKI

O DWIH São Paulo está sob nova direção. Em outubro, Martina Schulze (ao centro) passou o comando da casa para Jochen Hellmann (de gravata amarela) (1). A cerimônia contou com a então presidente do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, Margret Wintermantel (2).

The DWIH São Paulo has a new Director. In October, Martina Schulze (center) handed the administration over to Jochen Hellmann (yellow tie) (1). The ceremony was attended by then-President of the German Academic Exchange Service, Margret Wintermantel (2).

DWIH SÃO PAULO

O jubileu de 50 anos de cooperação científica e tecnológica entre Brasil e Alemanha foi celebrado, no Recife, a bordo do navio de pesquisas Meteor. Estiveram presentes o secretário de Estado do Ministério da Educação e Pesquisa da Alemanha, Thomas Rachel, o secretário de Políticas para Formação e Ações Estratégicas do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Telecomunicações do Brasil, Marcelo Morales, e convidados.

The 50th anniversary of the scientific and technological cooperation between Brazil and Germany was commemorated, in the city of Recife, Pernambuco, Brazil, on board the German Meteor research vessel. In attendance were the German Parliamentary Secretary of State, Federal Ministry of Education and Research, Thomas Rachel; Secretary of Policies for Training and Strategic Actions of the Ministry of Science, Technology, Innovation and Communications, Marcelo Marcos Morales; and guests.

JANINE SCHMITZ/PHOTOTHECK/FALLING WALLS FOUNDATION

1

JANINE SCHMITZ/PHOTOTHECK/FALLING WALLS FOUNDATION

2

Pela primeira vez, o concurso Falling Walls Lab teve duas etapas classificatórias no Brasil, e fora de São Paulo. Em Fortaleza, o vencedor foi o estudante de engenharia da Universidade Federal do Pará, Micael Cardoso da Silva (1); em Belo Horizonte, o professor Victor Freitas, da Universidade Federal de São João del-Rei (2). Ambos disputaram a final em Berlim.

For the first time, the Falling Walls Lab competition had two qualifying phases in Brazil, and outside of São Paulo. In Fortaleza, the winner was a civil engineering student at the Federal University of Pará, Micael Rubens Cardoso da Silva (1); in Belo Horizonte, Minas Gerais, Professor Victor Freitas, of the Federal University of São João del-Rei, Minas Gerais (2). Both competed in the final in Berlin.

DWIH SÃO PAULO

O DWIH premiou a startup re:edu, spin-off da Universidade de Münster, na categoria Alemanha do concurso Startups Connected. O prêmio foi entregue pelo diretor do DAAD, Michael Harms, responsável pela rede DWIH, a Björn Guntermann.

The DWIH awarded the startup re:edu, a spin-off of the University of Münster, in the German category of the Startups Connected competition. The prize was presented to Björn Guntermann by DAAD Director Michael Harms, who is responsible for the DWIH network.

Na final do Falling Walls Venture, em Berlim, a startup Zika Lab, nascida na Universidade Estadual de Campinas, foi representada pela paquistanesa Almas Awan.

In the final competition of the Falling Walls Venture, in Berlin, the Zika Lab startup, begun at the Campinas State University, was represented by Pakistani Ms. Almas Taj Awan.

FALLING WALLS FOUNDATION

FELIPE MAIROWSKI

O DWIH São Paulo e suas instituições cooperadoras divulgaram oportunidades de estudo, pesquisa e cooperação, em diversos eventos, como o Dia de Portas Abertas (1) e o 2º Dia da Alemanha da Universidade Federal do ABC (2).

The DWIH São Paulo and its collaborating institutions publicized study, research, and cooperation opportunities in several events, like Open Doors Day (1) and the 2nd Germany Day of the Federal University of the ABC (2).

DWIH SÃO PAULO

DWIH SÃO PAULO

MARTIN MAGUNIA

O DWIH São Paulo fez sua estreia em dois palcos. Na Faubai Conference on International Education, organizou uma sessão sobre centros europeus de ciência e inovação no Brasil (1). Em Bonn, a rede DWIH apresentou-se no Congresso de Marketing do DAAD (2).

The DWIH São Paulo debuted at two other events. At the FAUBAI Conference on International Education, it organized a session about European science and innovation centers in Brazil (1). In Bonn, the DWIH network presented itself at the DAAD Marketing Congress (2).

DWIH SÃO PAULO

1

2

ANA PAULA CALEGARI

71ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Organizada pelo DWIH São Paulo, a presença alemã na 71ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) deu-se sob a luz do jubileu do 250º aniversário do naturalista alemão Alexander von Humboldt. Além da tradicional mesa-redonda (1), dessa vez sobre a contribuição da ciência às políticas públicas, uma exposição fotográfica de excursões recentes de jovens pesquisadores alemães a biomas brasileiros remetia à façanha de Humboldt no início do século 19. O estande do DWIH (2) recebeu a visita do secretário executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia, Comunicações e Inovações, Julio Francisco Semeghini, e do presidente da SBPC, Ildeu Moreira (3). A comitiva alemã visitou uma comunidade indígena na periferia de Campo Grande, cidade onde se realizou o encontro da SBPC (4).

Organized by the DWIH São Paulo, the German presence at the 71st Annual Meeting of the Brazilian Society for the Advancement of Science (SBPC) was held during the 250th anniversary of German naturalist Alexander von Humboldt. Besides the traditional roundtable (1), this time, on the contribution of science to public policies, there was an exhibit of photographs of recent excursions by young German researchers to Brazilian biomes, reminding of Humboldt's travels at the beginning of the 19th century. The DWIH booth (2) was visited by the Executive Secretary of the Ministry of Science, Technology, Innovation and Communications, Júlio Francisco Semeghini, and the President of the SBPC, Ildeu Moreira (3). The German delegation visited an indigenous community on the outskirts of the city of Campo Grande, State of Mato Grosso do Sul, where the SBPC meeting was held (4).

ANA PAULA CALEGARI

3

4

REINER RADTKE

O histórico de iniciativas binacionais em bioeconomia financiadas pelo DWIH foi apresentado pelo coordenador do centro em São Paulo, Marcio Weichert, em workshop Brasil-Alemanha da área durante a Green Rio.

A history of bi-national initiatives in bio-economics funded by the DWIH was presented by the Coordinator of the center in São Paulo, Marcio Weichert, to the Brazil-Germany workshop during Green Rio.

CLAUDIA DANTAS

DWIH SÃO PAULO

"Mídia e migração" foi o atualíssimo tema de aula magna na Universidade Federal de Santa Catarina e de workshop na Universidade de Brasília, com a professora Susanne Fengler, da Technische Universität Dortmund.

"Media and migration" was the highly relevant subject of the master class at the Federal University of Santa Catarina and of the workshop at the University of Brasília, with Professor Susanne Fengler, of the Technische Universität Dortmund.

DWIH SÃO PAULO

DWIH SÃO PAULO

A Universidade de Münster realizou dois workshops na área de saúde; um com a Universidade Estadual de Maringá (1) e outro com o Instituto Butantan (2).

The University of Münster held two workshops in the healthcare area; one at Maringá State University, in Paraná (1), and the other at São Paulo's Butantan Institute (2).

ANA CÉLIA BERTO / MÔNICA PTRELLI

1

RICSON ONODERA

2

DWIH SÃO PAULO

3

Inteligência artificial foi o tema central da rede DWIH em 2019. Suas múltiplas aplicações foram apresentadas na abertura do Congresso Brasil-Alemanha de Inovação pelo presidente da Universidade de Erlangen-Nuremberg, Joachim Hornegger (1). Já os aspectos éticos do uso de robôs humanoides foram tematizados em workshop pelo professor Christoph Benzmüller, da Freie Universität Berlin (2). IA também foi tema de outros eventos, como os que reuniram pesquisadores do Fraunhofer IPK e do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (3), assim como da Technische Universität Darmstadt e da Universidade Metodista de Piracicaba.

Artificial intelligence (AI) was the main theme of the DWIH network in 2019. Its multiple applications were presented in the opening of the Brazil-Germany Congress on Innovation by the President of the University of Erlangen-Nuremberg, Joachim Hornegger (1). The ethical aspects of using humanoid robots were discussed in a workshop by Professor Christoph Benzmüller, of the Freie Universität Berlin (2). AI was also the subject of other events, such as those that gathered researchers from the Fraunhofer IPK and the Aeronautics Institute of Technology (ITA) (3), as well as the Technische Universität Darmstadt and the Methodist University of Piracicaba.

DWIH SÃO PAULO

O DWIH São Paulo apoia a iniciativa da embaixada alemã de fortalecer o debate sobre democracia e coorganizou o workshop "Digitalização e democracia", na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

The DWIH São Paulo supports the initiative of the German Embassy in reinforcing the debates on democracy, and co-organized the workshop "Digitalization and Democracy", at the Getúlio Vargas Foundation of Rio de Janeiro.

MARK BRAUNSTEIN

Em um contexto de envelhecimento populacional, ganha importância a parceria na área de enfermagem entre as instituições UAS7 (German Universities of Applied Sciences) e o Comung (Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas). Em 2019, os parceiros realizaram no Rio Grande do Sul seu 3º Simpósio da cooperação.

Within a context of an aging population, the nursing partnership between the UAS7 institutions (German Universities of Applied Sciences) and COMUNG (Consortium of Gaucho Community Universities) has gained special importance. In 2019, the partners held the 3rd Symposium of their cooperation in the State of Rio Grande do Sul.

Em 2019 o DWIH São Paulo recebeu cinquenta visitas, entre comitivas e individuais. Nesta página e na seguinte, o registro de algumas delas.

In 2019, the DWIH São Paulo welcomed fifty individual and delegation visits. Some of those visits are recorded on this and the following page.

ANA PAULA CALEGARI

Do embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel (sexto a partir da esquerda), e do cônsul-geral alemão no Rio de Janeiro, Klaus Zillikens (nono).

The German Ambassador to Brazil, Georg Witschel (sixth from the left), and the German Consul-General of Rio de Janeiro, Klaus Zillikens (ninth).

ANA PAULA CALEGARI

Do presidente da Technische Universität Darmstadt, Hans-Jürgen Prömel (no centro, de gravata), por ocasião da admissão de sua instituição como nova cooperadora do DWIH São Paulo.

The President of the Technische Universität Darmstadt, Hans-Jürgen Prömel (middle, wearing a tie), on the occasion of the admission of his institution as a new collaborator of the DWIH São Paulo.

DWIH SÃO PAULO

De uma comitiva do Mecila (Maria Sibylla Merian International Centre for Advanced Studies in the Humanities and Social Sciences Conviviality-Inequality in Latin America), entidade com sede em São Paulo.

A delegation from MECILA (Maria Sibylla Merian International Centre for Advanced Studies in the Humanities and Social Sciences Conviviality-Inequality in Latin America), organization with headquarters in São Paulo.

ANA PAULA CALEGARI

De uma delegação do Instituto Tecnológico Dinamarquês.

A delegation from the Danish Technological Institute.

STUDIO F

De jornalistas alemães convidados pela NürnbergMesse

German journalists invited by the NürnbergMesse.

DWIH SÃO PAULO

Do novo diretor para a América do Sul do Goethe-Institut São Paulo, Matthias Makowski.

The new Director for Latin America of the Goethe-Institut São Paulo, Matthias Makowski.

PATRICK HANSEN

Da delegação de deputados do Parlamento alemão, Bundestag.

A delegation of members of the German Parliament, the Bundestag.

REINER RADTKE

O Simpósio Brasil-Alemanha de Desenvolvimento Sustentável, organizado pelo Brasilien-Zentrum de Baden-Württemberg, chegou a sua nona edição, em Hohenheim, com mais de 200 participantes dos dois países.

The Brazil-Germany Symposium on Sustainable Development, organized by the Brasilien- Zentrum de Baden-Württemberg, held its 9th edition, in Hohenheim, with more than 200 participants from both countries.

MARTINA SCHMODE

MARTINA SCHMODE

Na Alemanha, o coordenador do DWIH São Paulo, Marcio Weichert, visitou o Geomar – Centro Helmholtz de Pesquisa Oceânica (foto com o diretor Peter Herzig) e a universidade CAU (na foto com a vice-presidente Anja Pistor-Hatam – a segunda, da direita para a esquerda). Conheceu também a learning factory da Universidade de Bochum.

In Germany, the Coordinator of the DWIH São Paulo, Marcio Weichert, visited the GEOMAR –Helmholtz Centre for Ocean Research (photo with Director Peter Herzig), and CAU University (photo with Vice President Anja Pistor-Hatam – second, left to right). Also visited the learning factory of the University of Bochum.

FILIPE PIMENTA

Delegação do DWIH e cooperadores conheceram o trabalho de pesquisa, desenvolvimento e produção de soluções da Vulkan Brazil, em Itatiba (SP).

DWIH delegation and collaborators visited the research, development and production solutions work of Brazil, in Itatiba.

Several events on the agenda of the German Centre for Research and Innovation São Paulo (DWIH) for the first half of 2020 were postponed, because of the covid-19 pandemic, and are awaiting improvements in the situation, in order to be rescheduled. They are:

- Workshop in Microscopy Techniques: From Electron to Intravital Microscope, a partnership between the Ludwig-Maximilians-Universität München (LMU) and the USP campus in the city of Ribeirão Preto.
- COLLOC Workshop 2020, which is a partnership between TU Berlin and the UFRJ in Rio de Janeiro.
- 1st International Industry Workshop on Digitization and Virtualization of Product Development and Production, under the responsibility of Fraunhofer IPK, in the city of São José dos Campos.
- Klimapolis Laboratory Workshop, in the city of Natal, proposed by the Max Planck Institute of Meteorology with several German and Brazilian partners.
- Workshop on How to Do a Doctorate at Two German Universities of Excellence, which is a partnership between FU Berlin and TUM in the city of São Paulo.
- 72nd Annual Meeting of the SBPC, which is to be attended by a German delegation organized by DWIH São Paulo.
- Academic Teacher Training Course for Professors of Helth Area, partnership between the Ludwig-Maximilians-Universität München (LMU) and the UFES, in the city of Vitória.
- AdA Invitations – Archive as Event, under the responsability of FU Berlin in the city of Rio de Janeiro.
- Moving the City – Design the Future, under the responsibility of UAS7, in the city of São Leopoldo.

Go to the DWIH São Paulo website and sign up for the newsletter that will advise of new dates being scheduled, as well as other eventual calendar changes.

DWIH São Paulo
Land der Ideen

June

16th - E-Symposium: Digitisation and Foreign Language Acquisition: Opportunities for Internationalization at Brazilian Universities
Online

July

Date to be confirmed (duration: one month)
– Webinar Series: DWIH São Paulo Online Talks "Surviving, Living and Shaping the Future in the Time of Covid-19"
Online

September

17th – Falling Walls Lab Brazil
Online
24th and 25th – 8th Brazilian-German Innovation Congress
Online
24th – Startups Connected Program (Award cerimony)
Online
28th and 29th – Religion and politics in Brazil and Germany. Asymmetrical Comparative Perspectives
São Paulo

October

1st – 25th International Seminar on High Technology
Piracicaba
6th – Open House DWIH São Paulo
São Paulo

November

Date to be confirmed – Postdoc-Seminar "How to follow your research career path at Germany's top universities"
São Paulo

May/2021

19th and 20th – 9th German-Brazilian Dialogue on Science, Research and Innovation
São Paulo

Updated information: www.dwih-saopaulo.org

Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo
País de Ideias

DWIH São Paulo
Land der Ideen

Cooperadores/*Unterstützer*

DAAD Deutscher Akademischer Austauschdienst
Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico

DFG

Alexander von Humboldt Stiftung/Foundation

Fraunhofer

Freie Universität Berlin

Technische Universität München

Universität Potsdam

WWU Münster

g.a.s.t.

Cooperadores Associados/*Assoziierte Unterstützer*

FAU Friedrich-Alexander Universität Erlangen-Nürnberg

Leibniz Association

Max-Planck-Gesellschaft

Technische Universität Darmstadt

BAYLAT

Technische Universität Berlin

RWTH Aachen University

Forschungsnetzwerk Mittelstand

Universität zu Köln

LMU Ludwig-Maximilians-Universität München

UAS7 German Universities of Applied Sciences

UA Ruhr

Eberhard Karls Universität Tübingen

Baden-Württembergisches Brasilien-Zentrum

CAU Kiel University Christian-Albrechts-Universität zu Kiel

Technische Hochschule Ingolstadt